

convergência

NOV — 1989 — ANO XXIV — Nº 227



-
- **ABERTURA DA XV AGO DA CRB**
Irmão Claudino Falchetto, FMS — página 528
 - **GRUPO DE REFLEXÃO E AÇÃO "JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE" DA CRB** — página 544
-

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Atico Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, CF
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1989

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea	NCz\$ 19,85
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea	US\$ 48,00
Número avulso	NCz\$ 1,98

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa capa

Quer ser, figurativamente, o esboço da idéia de um labirinto, ou seja, coisa confusa, enigmática, enredada, tortuosa. Examinando, verá: este nosso destaque seletivo, mais do que arte, é artifício. **Convergência** é a revista da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. E a CRB objetiva promover e animar a **Vida Religiosa**. Com generosidade semântica e imaginária, Você descobre, então, que o pensamento pressuposto como subjacente nesta figuração mental e em seu encadeamento com CRB, suas finalidades entitativas

e **CONVERGÊNCIA** é este: se a **Vida Religiosa**, humanamente, pode se aparentar com um labirinto, a CRB e sua revista querem apontar na direção da saída. As ciências, como parte da solução, enriquecem e aliviam a VR mas não a livram de navegar, na escuridão, pois nunca tornam o seu REAL plenamente transparente à razão. Há uma irreduzibilidade sem haver incompatibilidade. A VR envolve mistérios mas não comporta nenhum fantasma irreal ou impossível. Para quem tem **FÉ**, o próprio mistério engrandece a razão. A obscuridade tem sempre algo de grandioso. Pelos caminhos humanos da VR, quando iluminados pela **FÉ**, vão se formando linhas de predominância que dão ao enredado a direção dos fios e mapeiam os pontos referenciais que indicam a força de um projeto em sua globalidade e o tropismo imbatível para a luz da saída. **Convergência**, em 1989, quer lhe ajudar nesta perspectiva, aprofundando e ampliando a certeza de que só pela **FÉ** se pode abraçar as propostas da Cruz, as aporias do Reino e os paradoxos da VR. Só pela **FÉ** se pode manifestar paz na consciência do mistério e serena convivência com ele. Deus confirme, com sua bênção, nossos propósitos (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o nº 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	513
CARTA DE JOÃO PAULO II AOS RELIGIOSOS POR OCASIÃO DA XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB	517
HOMILIA NA MISSA DE ABERTURA DA XV/AGO DA CRB Dom Vincenzo Fagiolo.....	524
MENSAGEM DO SR. NÚNCIO APOSTÓLICO NO BRASIL À XV AGO DA CRB	533
PRIORIDADE DA XV AGO/CRB	541
PARECERES.....	546
A PALAVRA DE QUEM CHEGA Pe. Edênio Valle, SVD	554
VIDA RELIGIOSA E NOVA EVANGELIZAÇÃO: PROPOSTAS A PARTIR DA AL Pe. Francisco Taborda, SJ	558

EDITORIAL

A XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB

De 24 a 28 de julho de 1989, no Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, Capital, a CRB realizou a sua XV AGO, com a participação de 465 Superiores e Superiores Maiores ou Delegados, 65 Convidados e Observadores, mais a Direção e Assessores Nacionais e Regionais da CRB.

A Assembléia transcorreu num intenso clima de fraternidade, comunhão eclesial, séria reflexão e engajada oração.

Os participantes tiveram a alegria de acolher a presença de alguns Bispos ao longo da Assembléia: Dom Vincenzo Fagiolo, Secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, acompanhado de Frei Euzebio Hernandez, agostiniano, oficial desta Congregação, Dom Carlo Furno, Núncio Apostólico no Brasil, Dom Luciano Mendes de Almeida SJ, Presidente da CNBB, Dom Paulo Evaristo Arns OFM, Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Antônio Celso de Queiroz, Secretário Geral da CNBB, Dom David Picão, Bispo de Santos, e Dom Joel Ivo Catapan, Bispo da Região Episcopal Santana em São Paulo, os quais presidiram as diferentes Eucaristias na XV AGO.

Marcaram presença igualmente: Frei Luis Coscia OFM Cap,

Presidente da CLAR, Irmã Ilze Mees, Representante da UISG, Mons. Dr. Dieter Spelthahn, Diretor Gerente da ADVENIAT, Pe. Carlos Weerkamps e Irmã Blandine Delsing, Representantes da AMA, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo SJ, ex-Presidente da CRB, Irmã Rosita Milesi, Diretora do SCAI e Pe. Wilson de Oliveira Sales, Vice-Presidente da CNC.

A solene Eucaristia de abertura foi presidida pelo Sr. Núncio Apostólico, tendo como concelebrantes Dom Fagiolo que fez a homilia, e Dom Luciano.

Na sessão inaugural, após a saudação de abertura da XV AGO pelo Presidente Nacional da CRB, Irmão Claudino Falchetto FMS, tomou a palavra Dom Fagiolo, para apresentar à Assembléia a "Carta de João Paulo II aos religiosos por ocasião da XV Assembléia Geral Ordinária da CRB", acolhida entusiasmamente pelos presentes. É a segunda vez que o Papa honra a Assembléia da CRB com uma mensagem, e quanto se saiba, a CRB é a única Conferência que mereceu essa distinção por parte do Papa, por ocasião da Assembléia da Entidade. A seguir, Dom Luciano fez uma breve mas significativa alocução aos participantes da XV AGO. Por sua vez, Frei Luis Coscia dirigiu carinhosas palavras de

saudação à CRB e aos Religiosos do Brasil, em nome da CLAR.

A tarde do primeiro dia, Dom Luciano proferiu palestra sobre a conjuntura eclesial e a realidade nacional. Convidou a todos a conferir com Deus, os acontecimentos que vivemos, num clima de fé e diálogo. Explicitou os fatos de morte que constituem nossa realidade atual. Assinalou igualmente os fatores de esperança e ressurreição. Sublinhou nosso aprendizado no compromisso com as minorias oprimidas. Destacou o dinamismo da Igreja no Brasil, e a contribuição particular da Vida Religiosa. Finalmente, fez um ato de fé e de esperança com relação à caminhada da Igreja e, em especial, da Vida Religiosa no Brasil.

Por sua vez, Irmão Claudino Falchetto FMS apresentou o Relatório de Atividades da CRB no triênio passado (cfr. FATOS — Triênio 1986-1989) e Irmã Adylles Rossato ICM, Vice-Presidente da CRB, apresentou uma visão panorâmica da Vida Religiosa no Brasil (cfr. PERFIL — A Vida Religiosa no Brasil).

Para a condução dos trabalhos da Assembléia foram eleitos como Presidente, o Irmão Arlindo Corrent FMS, e como Moderadores: Pe. Luis Gonzaga Piccoli SDB, Irmão Israel José Nery FSC e Irmã Terezinha Pegoraro CSJ.

Larga parte do tempo da XV AGO foi ocupada pelo estudo sobre o tema central: "Nova Evangelização e Vida Religiosa no

Brasil". O tema, relacionado com a celebração dos 500 anos de Evangelização da América Latina, veio em resposta aos apelos do Papa João Paulo II à Igreja e, em particular, aos Religiosos e Religiosas do Continente, no sentido de se entregarem com novo ardor, novos métodos e nova expressão, à tarefa de nova evangelização em nossa terra.

O tema foi desdobrado em três palestras: a) "Vida Religiosa e Primeira Evangelização: Lições do passado" — Pe. João Edênio dos Reis Valle SVD; b) "Nova Evangelização e Vida Religiosa: Reflexões teológicas" — Pe. Francisco Taborda SJ; c) "Vida Religiosa no Brasil: Desafios e Urgências para uma Nova Evangelização": Irmã Lina Boff SMR, Irmã Maria Carmelita de Freitas FI e Irmã Delir Brunelli CF. As palestras constam do livro "Nova Evangelização e Vida Rel. no Brasil/CRB. Trabalho de grupos e plenário sucederam-se às exposições dos Teólogos e Teólogas.

A partir dessa reflexão, uma Comissão de Redação foi elaborando o texto da Prioridade e Linhas de Ação para o triênio seguinte da CRB, texto aprovado com vivo entusiasmo pela Assembléia.

A Assembléia também decidiu encarregar a Diretoria Nacional quanto à organização do Grupo de Reflexão e Ação "Justiça e Solidariedade" para, sob a coordenação do Presidente da CRB Nacional, prestar serviços à en-

tidade em questões de justiça, paz e solidariedade.

Foram encaminhados, em nome da Assembléia, um telegrama ao Papa João Paulo II, em agradecimento pela belíssima Carta enviada à XV AGO; um comunicado à imprensa particularmente relacionado com a situação dos povos indígenas no Brasil; uma declaração relativa ao Plano Palavra-Vida, da CLAR.

Os participantes da XV AGO foram convidados também a subcreverem a indicação do nome do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns OFM, Arcebispo de São Paulo, para o Prêmio NOBEL DA PAZ/1989.

As eleições estatutariamente previstas a que a XV AGO procedeu, concluíram no seguinte resultado:

— Presidente Nacional da CRB: Pe. João Edênio dos Reis Valle SVD.

— Diretoria Nacional: Pe. Décio Zandonade SDB; Irmã Helena Calderaro SMIC; Irmã Beatriz Helena de Barros Leite FMA; Pe. Isidro Augusto Perin MS; Irmã Maria do Carmo Costa PGap; Irmã Teresinha Pegoraro CSJ; Pe. Cláudio Trudelle RSV; Irmã Maria de Lurdes Gascho CF; Pe. Fábio Bertoli SJ e Irmão Antônio Carlos Machado Ramalho de Azevedo FMS.

— Conselho Superior: Irmã Adylles Rossato ICM, Irmão Claudino Falchetto FMS, Irmã Aurélia Gonçalves, Pe. Carlos Silva, Frei

Patrício Sciadini, Irmã Hilda Rosa FPD, Irmã Welma Wanderley MJC.

Na sessão final, à tarde de 28 de julho, houve a tomada de posse dos eleitos. Na oportunidade, Irmão Claudino Falchetto FMS, ex-Presidente da CRB, dirigiu algumas palavras de agradecimento a todos e de despedida. Pe. João Edênio dos Reis Valle SVD novo Presidente Nacional, saudou a Assembléia que o elegeu. Frei Luis Coscia OFM Cap, Presidente da CLAR, despedindo-se, declarou que esta Assembléia foi "um verdadeiro acontecimento eclesial e da Vida Religiosa, um modelo de Assembléia". Agradeceu a declaração de apoio ao Plano Palavra-Vida elaborado pela CLAR, objeto de contradições nos últimos meses. Em relação a isso afirmou: "A CLAR se acostumara a caminhar por sobre as águas... como Pedro. Chegou a hora da tempestade. Sabemos porém, que não vamos nos afogar, pois Jesus Cristo nos estende sua mão. Mas sabemos que se trata de um batismo de morte. Estamos clamando: Pai, que cesse este cálice e que se faça tua vontade. O dia mais lindo da Igreja, o dia mais belo da América Latina e da Vida Religiosa, não amanheceu ainda. Estamos esperando-o, comprometendo nisto solidariamente toda nossa vida".

Dom Vincenzo Fagiolo também dirigiu a todos, significativas palavras de incentivo e despedida. Reafirmou a necessidade de o Plano Palavra-Vida prosseguir,

dentro das condições estabelecidas, no que foi vivamente ovacionado.

A Eucaristia, presidida por Dom Antônio Celso de Queiroz, Secretário Geral da CNBB, encerrou magnificamente esse evento extraordinário, a XV AGO da CRB.

CONVERGÊNCIA tem a alegria de levar a seus leitores os documentos desta XV AGO da CRB. Dentre as palestras sobre o tema

central, só uma aqui é transcrita por ser um resumo do respectivo texto publicado, com as outras palestras, no livro "Nova Evangelização e Vida Religiosa no Brasil", CRB, 1989.

As Religiosas e Religiosos do Brasil engrandecem o Senhor pelas maravilhas que realiza no meio de seu povo!

Pe. Atico Fassini, MS
Assessor Nacional.

CARTA DE JOÃO PAULO II AOS RELIGIOSOS POR OCASIÃO DA XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA DA CRB

João Paulo II
Roma, Itália

Amadíssimos irmãos e irmãs

1. "A graça do Senhor Jesus esteja convosco! Eu amo-vos a todos em Cristo Jesus (1 Cor 23-24).

Com estas palavras de paz e de comunhão na caridade, dirijo-me a todos vós, participantes na XV Assembleia Geral ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil. Assim vos saúdo no amor de Jesus Cristo, presente no meio de vós segundo sua promessa (cf. Mt 18,20), uma vez que estais reunidos em seu nome e sois, como religiosos, seguidores do Mestre, pela profissão dos conselhos evangélicos e apóstolos de seu Reino, com a variedade e riqueza de carismas, que o Espírito do Senhor vai suscitando em sua Igreja através dos séculos.

Em vossas pessoas saúdo e dirijo-me a todos os religiosos e religiosas do Brasil, presença ativa e numerosa da Igreja, apesar de insuficiente para as imensas necessi-

dades pastorais deste momento. Na realidade, seria quase impossível imaginar a vitalidade da Igreja no Brasil sem essa rede de comunidades religiosas que tornam presente e visível o Evangelho, com o seu testemunho, a sua dedicação apostólica e com sua proximidade às necessidades e aspirações do Povo de Deus, trabalhando em situações difíceis, que requerem a doação cotidiana da vida que, por vezes, tem sido selada com a perseguição e o sacrifício da própria existência.

Agradeço-vos de coração a fidelidade à vossa consagração e missão, vossa presença eclesial em todas as latitudes do imenso Brasil: a fecundidade misteriosa de vossas comunidades contemplativas, o testemunho dos que vivem sua inserção entre os mais pobres e a generosa dedicação dos que trabalham em regiões longínquas e isoladas constituem uma riqueza da Igreja no Brasil e comprovam a sua vitalidade.

2. Vossa XV Assembléia Geral ordinária concentrará suas reflexões no tema "nova Evangelização e Vida religiosa no Brasil". Quereis responder ao desafio da história, unir-vos com docilidade a esse empenhamento de nova evangelização, que eu mesmo lancei como programa pastoral da Igreja latino-americana no limiar do V Centenário da Evangelização do Continente. Os religiosos devem estar, hoje como ontem, na "vanguarda" da evangelização, com todo o potencial da sua consagração pelo Reino e toda a generosidade e criatividade de seus carismas evangélicos.

A isso vos impelem não só a tradição do passado mas também a urgência do presente e a perspectiva do futuro. Se os religiosos foram protagonistas privilegiados do anúncio evangélico durante os últimos cinco séculos, devem continuar sendo hoje os mensageiros mais entusiasmados e comprometidos na nova evangelização, dado que, por vocação e missão, estão chamados a abandonar tudo para dedicar-se ao anúncio de Cristo (cf. PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi*, n. 69).

3. Seja-me, pois, permitido partilhar convosco algumas reflexões sobre o tema de vossa Assembléia, para juntos aprofundarmos o sentido da nova evangelização e a colaboração específica da vida religiosa no Brasil para a mesma.

É necessário antes de tudo, como vos propusestes em vossas reflexões em preparação à Assembléia, voltar às fontes. Evangelizar é proclamar a boa notícia da salva-

ção, anunciar Jesus Cristo que é o Evangelho de Deus.

Voltar às fontes, em nosso caso, é retornar ao próprio manancial da vida em que se nutre "o fervor dos santos". Por isso é bom escutarmos das primeiras testemunhas do Evangelho o impacto, a novidade e o dinamismo do primeiro anúncio.

Ouçamos o evangelista João em sua primeira Carta: "O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e nossas mãos apalparam da Palavra da vida — porque a Vida manifestou-se, nós vimo-la e damos testemunho e vos anunciamos esta Vida eterna que estava com o Pai e nos foi manifestada a nós — o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1 Jo 1, 1-3).

Este texto, tão sugestivo, tem a força e o dinamismo da evangelização que é sempre nova: nova, porque o anúncio de Cristo é uma graça, um dom que vem do Pai e não uma criação nossa; nova, pela maravilha que produz o encontro com o mistério de Cristo, Salvador do mundo, um encontro destinado a cada geração e a cada pessoa; nova, por essa Palavra em que se encerra a riqueza de Evangelho de Deus e responde à indigência fundamental do homem e da humanidade: a Vida.

Por isso, evangelizar é anunciar a Vida que vence a morte, a liber-

dade que salva de toda escravidão, começando pela alienação fundamental do homem e a escravidão primordial que é a do pecado.

4. A nova evangelização é testemunho. O texto do Apóstolo João tem sabor de experiência vivida. O Evangelho penetra a vida e a experiência humana, até impregná-la com a força da salvação. A Palavra se escuta, mas também se vê e se contempla em Jesus Cristo, em quem Deus se tornou visível e permitiu tocá-lo com as mãos.

A força da evangelização se enraíza ao mesmo tempo na verdade que se anuncia e na convicção de testemunha com que se propõe. Por isso hoje a nova evangelização exige que os arautos sejam fiéis na pregação da verdade e sejam testemunhas da força salvadora da Palavra da vida.

Diante do desafio da nova Evangelização, a Igreja precisa hoje de mestres e de santos, abertos ao poder iluminante do Espírito Santo, que acumina a capacidade de discernimento da realidade e faz brotar uma generosa criatividade de palavras e obras aptas para dar vida ao Evangelho que se anuncia, nas diversas circunstâncias dos tempos.

Por isso os religiosos na nova evangelização têm que primar pela fidelidade à verdade e pelo ardor na missão, pela transparência do testemunho e pela força sobrenatural de santidade. Nunca hão de esquecer que, em comunhão com os Fundadores, são "filhos e filhas dos Santos" que anunciaram o Evangelho com a santidade de sua vida.

Finalmente, a nova evangelização está chamada a criar e a reforçar a comunhão eclesial. Diz isto mesmo o texto de São João que citamos. Uma comunhão na Igreja que é reflexo e atuação da comunhão trinitária, pois a comunidade dos que escutam o Evangelho da salvação é um povo "congregado em virtude da unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo" (cf. L.G. n. 4), estabelecido "como comunhão de vida, de caridade e de verdade" (L.G. n. 9). Em vão teríamos trabalhado na nova evangelização, se o fruto dos esforços não fosse o de aumentar a comunhão na única Igreja de Cristo. Não se pode separar a Igreja de Cristo, nem Cristo da Igreja; nem se pode dividir a Igreja em pequenas comunidades sem fortalecer os vínculos de comunhão com os legítimos Pastores, que o Senhor constituiu para guiar sua Igreja.

É este o dinamismo da revelação e da evangelização em todos os momentos da história e em todas as latitudes da terra.

5. Se o anúncio da Palavra da Vida está no centro da nova evangelização, nada pode substituir-se à proclamação de Jesus Cristo e ao encontro pessoal com o seu mistério: nem as mais perspicazes análises da realidade, nem as mais esmeradas estratégias de apostolado. A nova evangelização tem que colocar o acento nesta apresentação melhorada do mistério de Jesus Cristo, Redentor do homem, porque não só é o único mestre da verdade, mas também o único em quem está a salvação.

O Concílio Vaticano II o disse, com um texto muito eloquente: "Ninguém se liberta por si mesmo do pecado ou se eleva acima de si mesmo só com as próprias forças; ninguém se liberta completamente de sua fraqueza, de sua solidão e de sua escravidão; todos têm necessidade de Cristo como modelo, mestre, libertador e salvador. Na realidade, o Evangelho tem representado verdadeiramente na história humana, inclusive na temporal, um fermento de liberdade e de progresso; e continua demonstrando-se sempre fermento de fraternidade, de unidade e de paz" (A.G. n. 8).

Se o passado evangelizador do Brasil não está isento de sombras e de fraquezas — que devemos atribuir aos limites humanos e culturais das pessoas e não à força salvadora do Evangelho — não podemos, diante dos desafios do momento presente, prescindir do anúncio integral de Jesus Cristo. O nome e a figura de Cristo Libertador é familiar a todos os brasileiros. E deve sê-lo na evangelização renovada, na qual os religiosos devem aparecer com as duas características que Santo Irineu referia dos primeiros mensageiros da Boa Nova da salvação: "Foram pregadores da verdade e apóstolos da liberdade" (Adv. Haer. III, 15, n. 3; P.G. 7, 919).

Não pode existir autêntica evangelização sem que se proponha toda a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem. Não existe uma autêntica salvação e liberdade sem a lógica do Evangelho, proclamado e vivido em toda a sua inte-

gridade. Por isso Jesus afirma: "Se permanecerdes na minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos tornará livres" (Jo 8, 31b-32).

6. O Concílio Vaticano II, ao recordar o texto da Primeira Carta de São João que citamos, indica todo o dinamismo da evangelização com palavras de Santo Agostinho, nas quais ele acentua que o amor tem que guiar todo o processo da evangelização, para que o mundo inteiro, pelo anúncio da salvação, ouvindo creia, crendo espere e esperando ame (cf. D.V. n. 1).

A fé que se apóia na revelação e no magistério da Igreja salvaguarda a evangelização da tentação das utopias humanas; a esperança cristã não confunde a salvação com as ideologias de qualquer denominação; a caridade, que há de animar a tarefa evangelizadora, preserva o anúncio evangélico da tentação da pura estratégia de uma transformação social ou da violência desinsofrida que leva à luta de classes.

Fé, esperança e amor são a garantia dessa nova evangelização para a qual eu aponte algumas metas, quando disse em São Domingos: "O próximo centenário do descobrimento e da primeira evangelização nos convoca, pois, para uma nova evangelização da América Latina, que desenvolva com mais vigor — como sucedeu em suas origens — um potencial de santidade, um grande entusiasmo missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda da colegialidade e da comu-

nhão e um empenho evangélico de dignificação do homem, a fim de gerar, a partir do próprio seio da América Latina, um grande futuro de esperança. Este tem um nome: "a civilização do amor" (São Domingos. Estádio Olímpico, 12.10.1984).

7. A vossa Assembléia Geral já é uma resposta, em comunhão com o Sucessor de Pedro e com vossos Bispos. Com ela, quereis colocar a serviço da nova evangelização as imensas energias pessoais, comunitárias, institucionais e carismáticas da vida consagrada, com os olhos postos nas necessidades mais urgentes que quisestes analisar.

Sabeis que, aos problemas de sempre, se vêm juntar hoje, em vossa realidade brasileira, alguns desafios atuais, bem diversos dos que encontraram os primeiros evangelizadores. Tais são, por exemplo, os da modernidade e da chamada pós-modernidade: a emergência dos pobres entre a opressão injusta e a tentação do fácil consumismo; o mundo dos jovens, esperança do futuro, tentados por uma sociedade debruçada sobre si mesma, que oferece miragens de realização iminente e apaga toda chama interior que convide à transcendência e ao mistério; o complexo mundo do trabalho; a problemática urgente dos meios de comunicação social; a dificuldade em oferecer uma nova evangelização a uma nação imensa, onde subsistem culturas tão diversas entre si, desde as classes mais privilegiadas às massas que vivem no anonimato dos bairros das grandes cidades, até aos índios e aos agricultores.

Uma tarefa evangelizadora de tal envergadura requer certamente lucidez nas análises da situação, para que o anúncio de Cristo Salvador impregne pessoas e estruturas, em uma nova civilização, que reequilibre, a partir de um amor criativo e social, todos esses desequilíbrios que saltam aos olhos e que são fruto de uma civilização do egoísmo.

8. No documento preparatório de vossa Assembléia, quisestes recordar figuras de religiosos eminentes, que deixaram marcas no processo da primeira evangelização; especialmente, as daqueles que souberam pôr em realce a força libertadora da mensagem de Jesus Cristo, o respeito da dignidade das pessoas como é proclamado pela Revelação, o amor e a defesa dos mais pobres e mais fracos, que está no coração do Evangelho.

A presença e a persistência da fé no Brasil, seu profundo enraizamento e sua admirável expansão são devidos, em boa parte, à atividade abnegada dos religiosos e das religiosas, que aí viveram as vicissitudes de uma história de séculos. Isto foi explicitamente reconhecida pelos Bispos do Brasil, num recente documento, quando escreveram: "Os institutos de religiosos... são, de certa forma, a memória missionária da Igreja. Uma vocação especial de Deus os levou à maior disponibilidade para o Senhor e para o serviço de seu Reino e a assumir situações missionárias as mais difíceis... nas Igrejas particulares, como presença dinamizadora do espírito missionário delas. Mesmo as ordens religio-

sas de vida contemplativa, por sua especial vocação e carisma, assumem a dimensão missionária" (C.N.B.B.: *Igreja: Comunhão e missão* n. 128).

Não podem os religiosos contentar-se em cantar as glórias de uma tradição, que depressa caducaria se não tivesse a continuidade no esforço evangelizador do presente. Por isso vos exorto, meus queridos irmãos e irmãs, ao empenho na nova evangelização: "nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão" (Discurso aos Bispos do *Celam*, reunidos em Porto Príncipe, no dia 9 de março de 1983). Não podeis faltar a este encontro que a história vos marca e ao qual vos impele o Espírito do Senhor, o Espírito da evangelização.

9. Vós, queridos religiosos e religiosas do Brasil, não estais sozinhos. Sois Corpo místico, encarnais a Igreja como sujeito responsável pela verdade divina e estais conscientes da assistência do Espírito da verdade, prometida por Cristo à mesma Igreja, como estais seguros da palavra do próprio Senhor: "Sem mim não podeis fazer nada" (Jo 15, 5). Amor e aspiração à verdade têm que andar juntos com intensa e ininterrupta vida de oração.

Sendo importantes as múltiplas obras e atividades a que vos dedicais, a mais fundamental continua sendo aquilo que vós sois na Igreja e quem vós sois para o povo. E isso transparecerá no testemunho da caridade recíproca, a que anda ligado o espírito fraterno; na sintonia com os pastores, garantia da unidade eclesial. Viveis e trabalhais

numa pastoral unitária que exige a comunhão orgânica. A força da Igreja está na sua unidade; e a sua fraqueza na desunião.

Em contato com o povo cristão, dai mostras de clareza a respeito dos dons do Espírito que são multiformes. Hoje, mais do que no passado, depois do Concílio e à luz da Exortação Apostólica "Christifideles laici", colaborai, suscitai a colaboração e ajudai na genuína formação de um laicato adulto, chamado a dar testemunho do Evangelho no meio da sociedade, lá onde se dão as decisões mais importantes da vida dos povos: no âmbito da cultura, da economia, da educação e da política.

Da promoção de um laicato maduro, generoso e responsável pode esperar-se a consistência da nova evangelização; e também uma renovação espiritual e apostólica da vida consagrada, dentro do próprio carisma. Eles, os leigos, vos pedirão transparência e maior especialização em vosso testemunho evangélico do Reino, à medida que crescer a sua consciência apostólica e houver espaço para a sua iniciativa; depois, da renovação conjunta de toda a Igreja, pode esperar-se — assim o peço ao Senhor em minhas orações — um florescimento vocacional em todas as vossas Famílias religiosas.

10. Aqueles que um desígnio providencial responsabilizou pela coordenação das Famílias religiosas, exorto à esperança e à confiança; em meio às dificuldades e aos problemas que a Igreja e Vida re-

ligiosa atravessam, digo-vos, ou melhor, Cristo repete: Não tenhais medo! Sou eu, o Senhor, o vencedor do mundo, do pecado e da própria morte: Eu, a Ressurreição e a Vida.

Dai e vos será dado. Com grande esperança no Senhor, dai uma resposta generosa de fé aos apelos da nova evangelização, insistindo na auto-evangelização. É que nesta busca primordial do Reino de Deus e de sua justiça vos acompanhe a presença e o exemplo dos Santos Fundadores e Fundadoras. Fazei o que eles fariam hoje, com seu amor a Jesus Cristo e sua fidelidade total à Igreja.

Assim o peço eu também à Virgem Maria, Estrela da evangelização, modelo da total dedicação ao mistério de Cristo e da Igreja. A Virgem Maria de Nazaré, tão presente em vossas Famílias religiosas, inspiradora da mais genuína consagração ao serviço do Reino, a partir da pobreza e humildade de sua própria vida, aumente em vós a fidelidade à vossa vocação, a fraternidade em vossas comunidades e a generosidade em vossa colaboração na nova evangelização.

Com a minha propiciadora Bênção Apostólica.

Vaticano, 11 de Julho de 1989

Joannes Paulus P.P. II

HOMILIA NA MISSA DE ABERTURA DA XV AGO DA CRB

SÃO PAULO, 24/7/1989

Dom Vincenzo Fagiolo

Secretário da Congregação para
os Institutos de Vida Consagrada
e Sociedades de Vida Apostólica

**EVANGELIZAÇÃO E VIDA
CONSAGRADA:** Leituras: Ex
14,5-18 e Mt 12,33-42.

1. Embora as leituras que acabamos de ouvir não tenham sido escolhidas para a nossa Assembléia, sendo as do dia, por uma feliz coincidência parecem-me oportunas e adequadas para nos introduzir nos trabalhos desta semana, dispondo-nos à reflexão sobre o tema "nova evangelização e vida consagrada".

A primeira e a segunda leituras trazem, no fundo, um único ensinamento. Ambas são um claro e forte convite ao homem, da parte do Senhor que guia seu povo e o conduz para fora de toda escravidão em direção à salvação, apesar das muitas infidelidades, contradições e resistências desse mesmo povo.

Temos, de um lado, o Senhor sempre fiel a suas promessas e rico em misericórdia, e de outro, o povo que por vezes não acolhe a Palavra

de Deus, ou a compreende mal, ou a deturpa, ou pouca fé nela deposita.

Aquilo que tanto a primeira quanto a segunda leitura evidenciam é a periculosidade da DUREZA DE CORAÇÃO. Por causa dessa dureza o faraó perseguiu duramente o povo de Israel. Contra porém, a dureza de coração do faraó, Deus intervém com seu poder a favor de seu povo.

Esse povo porém, não compreendeu logo e bem a intervenção do Senhor e começou a rebelar-se contra Moisés que não o deixara morrer no Egito e que o levava a morrer no deserto. Contra a dureza de coração dos israelitas Deus falou e fez com que Moisés realizasse o milagre da passagem do povo através do Mar Vermelho e então, da escravidão do Egito à constituição e liberdade de povo.

2. O tema da dureza do coração que não sabe escutar a Palavra de

Deus retorna na passagem evangélica que ouvimos. É um texto tirado do capítulo 12 de São Mateus e é o capítulo das contradições entre o ensinamento de Jesus e o dos fariseus.

Jesus explica que todas as oposições que os fariseus levantam contra sua palavra, nascem da malícia de seu coração: "Ex abundantia cordis os loquitur": "raça de víboras, como podeis dizer boas coisas se sois maus?". Uma árvore boa produz bons frutos, a que é má produz maus frutos, e é pelos frutos que se conhece a árvore. E se os maus não fizerem penitência, serão condenados, no dia do juízo, pelos habitantes de Nínive que souberam fazer penitência e converteram seu coração com a pregação de Jonas. Ora, no meio de vós, aqui está alguém que é maior do que Jonas, e vos dará um sinal de seu poder permanecendo no coração da terra durante três dias e três noites, para depois dali sair como Jonas saiu do ventre da baleia.

A dureza de coração dos fariseus porém, não permitiu que acolhessem a palavra de Jesus, apesar de toda a bondade, a misericórdia, a paciência do mesmo Senhor que, em contrapartida, deu-lhes a prova de sua onipotência e de seu amor, morrendo na cruz e ressurgindo da morte.

3. Nestas duas leituras está toda a história da salvação com seus protagonistas, os seus conteúdos, as suas realizações, os seus objetivos.

"Aquilo que mais choca porque é o que mais se evidencia na palavra

que hoje foi proclamada, é a periculosidade inerente ao coração do homem que por sua dureza pode tornar vã a pregação de Cristo, tornar vão o Evangelho ao não acolhê-lo.

4. Devemos nos apoiar na Palavra de Deus como nela se apoiavam os Padres da Igreja. Santo Agostinho quanto a isso se refere, a Santo Ambrósio (cfr. cad. VII de CONFISSÕES).

Antes de tudo faziam eles uma leitura atenta e serena da passagem da Sagrada Escritura que haviam escolhido: era a *LECTIO*. Da leitura diligente e bem feita passavam à *MEDITATIO*, que era muito mais do que uma boa leitura porque com ela aprofundavam e analisavam todas as afirmações, verdades, fatos e circunstâncias da passagem, para dela colherem o íntimo ensinamento com a luz que dela brotava. A meditação profunda e prolongada levava o intelecto à *CONTEMPLATIO* das verdades divinas, das grandezas de Deus e do amor do Senhor pela criatura humana. Disso resultava que também o coração era envolvido de tanta contemplação e por isso era fortemente compelido a louvar, agradecer e bendizer o Senhor: era a *ORATIO*.

Depois de uma acolhida tão plena, sincera e generosa da divina Palavra, o coração sentia-se de tal modo repleto de Deus e de suas verdades que não podia deixar de levar tudo isso ao conhecimento dos irmãos: era a *TRADITIO*, e evangelização, "contemplata aliis tradere".

5. Tudo quanto nos ensinam os Padres é para nós um grande exemplo e grande testemunho que nos ajuda no nosso compromisso da meditação cotidiana, como o prescrevem as Constituições de todo Instituto Religioso e como o deseja a Igreja (cfr. Can. 663 § 1.3).

Para dar apoio ao ensinamento dos Padres e às disposições eclesásticas há dois modelos sublimes de como a Palavra é acolhida e transmitida.

Para a acolhida da Palavra em nosso coração temos o exemplo admirável de Maria Santíssima. Antes ainda de conceber em seu puríssimo seio a Cristo Jesus, a Virgem Maria, por sua fé, caridade e obediência, O havia concebido em sua mente e coração, como o afirma a LUMEN GENTIUM, citando expressões patrísticas (cfr. LG n° 63).

Ela foi humilde e dócil ouvinte da Palavra de Deus. Não deu crédito à antiga serpente. Fez antes homenagem de fé absoluta e inalterada no Deus que lhe falava pela boca do Anjo, tanto que meditou e recebeu em seu imaculado seio a Palavra eterna, o Filho de Deus (cfr. LG n° 63). Essa escuta amorosa da Palavra de Deus, por parte de Maria, continuou depois do nascimento de Jesus. Em verdade, o evangelista Lucas nos refere que Maria, a Mãe de Jesus, "conservabat omnia verba haec in corde suo" (Lc 2,51). O coração de Maria foi como que um escrínio onde ela depositou a Palavra de Deus e todo ensinamento de Cristo, como as coisas mais preciosas. Imitemo-la

seguindo seu exemplo de escuta da Palavra de vida, da Palavra que nos salva.

6. Se a Virgem Maria é o exemplo de como a Palavra de Deus é ouvida, o apóstolo Paulo é o exemplo insigne de como essa mesma Palavra é anunciada.

São Paulo de nada mais se gloriava senão de ser evangelizador, de anunciar Cristo e Cristo crucificado (cfr. Rom 11,13-15; Gal 2, 16-20; I Tim 2,5-7; II Tim 1,11). Anunciava o Evangelho crendo que é do Evangelho que brota a salvação tanto para judeus quanto para pagãos (cfr. Rom 1,16).

Foi ele particularmente atento para não adulterar o Evangelho que havia recebido, e sua pregação jamais esteve assentada na sabedoria humana, e sim sobre a graça de Deus (cfr. 2 Cor 1,12). Era seu orgulho pregar Cristo crucificado que, se é escândalo para os judeus e estultícia para os pagãos, para aqueles que crêem porém, é o poder de Deus que salva da morte para a vida eterna.

Pregando o mistério pascal da morte e ressurreição de Cristo, São Paulo declarava o valor do sofrimento. "Em verdade, escrevia ele aos irmãos de Corinto, como são abundantes os sofrimentos de Cristo em nós, assim também, por meio de Cristo, é abundante nossa consolação pela salvação...; a nossa esperança em relação a vós é bem firme, convencidos de que, como sois participantes dos sofrimentos, também o sereis da consolação" (1 Cor 1,5-7).

E foi a pregação do mistério pascal que assinalou o início e o crescimento da Igreja, como bem o demonstram os Atos dos Apóstolos (cfr. cap. 2ss). Perseverantes na escuta deste anúncio e constantes na participação do sacrifício eucarístico, as primitivas comunidades eram um só coração e uma só alma, a ponto de colocarem tudo em comum (At 2,44). Então, a solidariedade e partilha nos sofrimentos e pobreza dos irmãos não provinham de motivações humanas, de exigências políticas ou de forças sociais, e sim do fervor da graça e do amor suscitado nos corações pelo anúncio do mistério pascal. Por isso, dirá São Paulo aos Coríntios, é com a santidade que nos vem de Deus, por meio da graça que nos foi concedida pelo Cristo morto e ressuscitado, e não da sabedoria da carne, que anunciamos o Evangelho. (cfr. 1 Cor 1,13).

A caridade sem a fé não é mais virtude teologal e se reduz a um momentâneo altruísmo que não tem raízes firmes e não edifica. Sem a fé é, de fato, impossível agradar a Deus. A fé porém, não pode crescer sem a pregação da Palavra de Deus (Rom 10,17).

7. O religioso será tanto mais evangelizador quanto mais terá sabido acolher em seu coração a Palavra de Deus que é "palavra rica de todo bem, que é tesouro de todos os bens. Em verdade, dela brotam a fé, a esperança e a caridade.

Dela derivam todas as virtudes, todos os dons do Espírito Santo, todas as bem-aventuranças evangélicas, todas as obras boas, todos os méritos da vida, toda a glória do Paraíso" (São Lourenço de Bríndisi).

Daqui a exortação do apóstolo Tiago: "Acolhei com docilidade a Palavra que foi semeada entre vós e que pode salvar vossa alma" (Tg 1,21).

Sim, estimadas irmãs e irmãos, nós que "abraçamos a nova esperança e celebramos o dia do Senhor, no qual começamos a participar da vida de Cristo e também de sua morte, mistério que alguns negam e ao invés, é fonte de nossa paciência, com a qual nós sofremos, para sermos encontrados como discípulos de Jesus Cristo, nosso único mestre" (Santo Inácio), continuemos a viver deste mistério e a pregá-lo com fé. É o ponto central da evangelização. Com ele podemos reforçar e tornar mais eficiente para o renascimento da América Latina, toda nossa pregação.

Será o início de uma nova era para esse Continente da esperança: uma nova era de justiça e de paz em Cristo. O Papa com a Mensagem enviada à nossa Assembléia, nos diz como devemos proceder, nos traçou o caminho seguro. Caminhar pela estrada indicada pelo Santo Padre significa realizar a nova evangelização, a de que hoje precisam os povos da América Latina.

ABERTURA

DA XV AGO-CRB / 1989

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

Estamos, uma vez mais, reunidos em Assembléia! Sinto-me feliz em poder saudar os Superiores Maiores e em acolher a todos, religiosos e religiosas, representantes de tantos Institutos e Sociedades, chegados de todos os quadrantes do Brasil e portadores das riquezas e belezas, dos anseios e expectativas dos mais de 50.000 irmãos e irmãs que entregam generosamente sua vida na construção do Reino de Deus, nas mais variadas formas de encarnação e holocausto.

Dou-lhes as boas-vindas em nome da Diretoria e da Equipe de Assesores da CRB Nacional.

Saúdo S. Excia. D. Vicenzo Fagiolo, Secretário Geral da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, que representa nesta oportunidade, o Prefeito do dicastério romano dedicado aos religiosos, o Cardeal Jean Jérôme Hamer e saúdo frei Euzébio Hernández, membro da mesma Congregação.

Saúdo com respeito S. Excia. Revma. D. Carlo Furno, M.D. Núncio Apostólico no Brasil.

Saúdo de coração aberto e feliz nossos Pastores aqui dignamente representados por Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida, SJ, DD. Presidente da CNBB.

Saúdo respeitosamente os inúmeros convidados que por laços especiais são credores da gratidão da CRB. Cito de modo particular o emérito ex-presidente da Conferência aqui presente: Pe. Marcello de Carvalho Azevedo SJ. Permitam-me que evoque com saudade a figura de D. Martinho Michler OSB, primeiro presidente nacional da CRB, a quem Deus acolheu em seu Reino no dia 25/10/88. Num instante de silêncio, elevemos por ele uma prece, rogando que olhe por nossa Assembléia.

Saúdo os representantes dos organismos internacionais que nos honram com sua presença.

— Frei Luís Coscia, Presidente da Confederação Latino-Americana de Religiosos — CLAR — com o qual nos sentimos profundamente solidários e irmanados.

— Irmã Ilze Mees, Conselheira Geral do Brasil junto à UISG, digna representante da Presidente.

— Mons. Dr. Dieter Spelthahn, M. Digno Diretor Gerente de Adveniat.

— Revdo. Pe. Carlos Weerkamps — Representante dos Rel. da Holanda, juntamente com Blandine Delsing.

Saúdo a cara Irmã Rosita Milesi — Diretora do SCAI e o Revdo. Pe. Wilson de Oliveira Salles, vice-presidente da Comissão Nacional do Clero.

Saúdo os Revdos. Pes. Salesianos: Pe. Luís Gonzaga Picolli; Inspetor, Milton Santos e Mário Quilici, respectivamente Diretor do Liceu Coração de Jesus e Superior da Comunidade da Inspetoria Salesiana, nossos anfitriões.

Saúdo os numerosos Superiores Maiores vindos de outros países, desejosos de nos acompanhar e conhecer. Sejam bem-vindos!

Saúdo os membros do Conselho Superior e do Conselho Fiscal da CRB. Com seus pareceres e sábios conselhos deram seguro respaldo às decisões da presidência e apoio constante a toda a equipe executiva.

Saúdo os Delegados das Regionais da CRB e Assessores, colaboradores dedicados e assíduos.

Saúdo carinhosamente meus colaboradores mais próximos e diretos, os Assessores da Diretoria Nacional, incansáveis irmãos e irmãs do quadro executivo, que ombrearam comigo, por anos a fio, as responsabilidades da animação da Vida Religiosa.

Saúdo com afeto e gratidão os representantes dos distintos Grupos de Reflexão da CRB Nacional, com especial menção para a Equipe de Reflexão Teológica, caixa de ressonância do caminhar da Vida Religiosa.

Saúdo com não menos entusiasmo, os funcionários da CRB, os que aqui se encontram e os que no Rio de Janeiro permaneceram; fiéis amigos que conosco dividem seu tempo e suas capacidades profissionais com exemplar dedicação.

Renovo por fim minha saudação aos Superiores Maiores, aqui presentes, primeiros responsáveis pela animação de seus irmãos e membros natos desta Assembléia.

Somos muitos, prezados amigos, somos mais do que nunca. Certamente não somos os mesmos de três anos atrás! Houve rotatividade nos quadros e por certo, para não poucos, este será o primeiro contato oficial com a CRB. A Vida Religiosa, neste triênio, caminhou para todos. A história não parou para ninguém. A sociedade evoluiu com oscilações às vezes copernicanas. E a Igreja viveu momentos de tensão, enfrentou exigências de novas e corajosas posturas. Todos acalentamos esperanças! Estamos mergulhados no mar da história, e de uma forma ou de outra somos atingidos pelos acontecimentos.

A Assembléia

Esta XV Assembléia Geral Ordinária da CRB, que agora se estrutura e assume seu próprio destino, é acontecimento privilegiado na his-

tória da Vida Religiosa e na vida da Igreja do Brasil. Por estatuto e por direito constitui-se na máxima autoridade decisória para o delineamento dos anos vindouros.

Daqui, da Assembléia Geral, partirão as propostas de ação as diretrizes, as grandes linhas que nortearão todo o trabalho de animação e promoção da Vida Religiosa, tanto por parte da Diretoria Nacional, quanto por parte das Assessorias e grupos de Reflexão, e por quantos acreditam na força do processo participativo.

Esta XV Assembléia tem pois, como primeira tarefa, a leitura dos sinais dos tempos, a fim de detectar os caminhos a serem trilhados pela instituição nos três próximos anos.

O Tema

O tema proposto à *reflexão* da Assembléia não é novidade para os presentes. Há praticamente um ano veio à luz o opúsculo "Nova Evangelização e Vida Religiosa", amplamente difundido e alegremente acolhido, estudado e compartilhado por comunidades e grupos, em palestras e cursos, de sul a norte, em todo território nacional. Pode-se afirmar que o tema "Nova Evangelização e Vida Religiosa" está maduro para ser implementado com propostas e programas arrojados, nesta Assembléia.

A Nova Evangelização, que o Papa João Paulo II adjetivou de "Nova no ardor, nova nos métodos e nova nas expressões", encontrará nesta Assembléia, o lugar ideal de perfeita compreensão, de

clarividente estruturação e de generosa adoção. Os Religiosos do Brasil, fiéis a Deus, que nos fala por Seu Filho Jesus Cristo, pela história e pelos acontecimentos de nossos dias, serão a ponta de lança da Igreja dos anos 2000.

Somos chamados a *dialogar!* Vamos somar experiências, partilhar idéias, acolher sugestões, refletir e discernir, rezar e assumir.

As eleições

Outras atividades importantes ocuparão nossos trabalhos, no decorrer desta semana. As eleições do Presidente, da Diretoria e do Conselho Superior, daqueles que deverão de conduzir a CRB em nome dos Superiores Maiores nos próximos três anos, apresentam-se particularmente exigentes e delicadas. O atual momento conjuntural está a reclamar, sobretudo na esfera interna, a presença de religiosos e religiosas profundamente afinados com os Pastores e com o compromisso da corresponsável e sábia comunhão eclesial. A nível de organismos, CRB e CNBB, em que pesem eventuais pequenas falhas, pode-se afirmar, chegaram a um relacionamento de alto nível: corresponsável, maduro, sincero e amigo. As periódicas reuniões da Presidência da CNBB com a Diretoria da CRB atestam que é possível viver, na prática, os ideais de "Mutuae Relationes", documento que acaba de completar 10 anos de existência. Manter consolidado e aprofundar, se possível, esse já tradicional e bom entendimento eclesial, é gesto testemunhal que deve ser preservado a qualquer preço, e

diria mesmo, sobretudo quando surgem problemas semelhantes à não fácil questão levantada em torno do Plano Palavra-Vida.

Caberá igualmente aos novos dirigentes da CRB a condução da entidade num período sócio-político que se prenuncia imprevisível, se não conturbado. As incertezas na área econômica, a insatisfação generalizada das classes sociais, os descalabros administrativos até nos mais elevados escalões, a corrupção deslavada, o malbaratamento da coisa pública, os escândalos financeiros tanto mais impunes quanto mais volumosos, a pobreza crescente das populações periféricas, o crescente abandono das crianças que perambulam pelas ruas das grandes cidades, os inumeráveis conflitos no campo, a gradativa deteriorização da saúde e da escola pública; esses e infelizmente outros muitos desmandos de um país de infinitas potencialidades, atingem em cheio o coração e o espírito de quem se entrega à sublime tarefa de desvendar o Reino já presente nas realidades terrestres, a fim de suscitar a esperança e testemunhar a caridade.

A Vida Religiosa, nascida dos gemidos do Espírito, captados pelos Fundadores(as), continua a ser interpelada pelo clamor desse povo de Deus.

Justiça e Solidariedade

Crescem aliás, na Sociedade civil os gestos de solidariedade, os gritos de protesto contra as injustiças declaradas, e surgem por toda parte organismos de defesa dos di-

reitos humanos. Nós, religiosos, seguidores de Jesus, manso e humilde de coração, que proclama bem-aventurados os mansos, os pacíficos e misericordiosos, e nos recorda em três das sete Bem-aventuranças, que a misericórdia é marca distintiva de seus discípulos, nós religiosos, à semelhança de outro levita, quantas vezes passamos ao largo de dramas pungentes de irmãos nossos desvalidos, perseguidos, despossuídos ou violentados em seus mais sagrados e elementares direitos?! Não teria chegado também para nós, religiosos, a hora de elevarmos corporativamente, como CRB, nossa voz em defesa da justiça e da solidariedade? O pequeno gesto programado a partir da convocação das Regionais da CRB e debilmente esboçado pelos(as) religiosos(as) a 12 de março passado, poderá desabrochar, nesta Assembléia, em algo mais concreto e consistente.

Relatório Trienal

A Diretoria Nacional cessante deseja entregar a esta Assembléia o resultado de três anos de trabalho. Uma avaliação tem sentido na medida em que a análise dos fatos se transforma em trampolim para o futuro. O acervo de atividades e o elenco de dados e fatos serão acompanhados de rápida análise crítico-teológica que ajudará a perceber os passos da caminhada e não deixará de levantar questionamentos pertinentes.

Somos conscientes do muito que foi realizado, graças à crescente participação de sempre mais numerosos grupos de reflexão e articula-

ção. Conhecemos igualmente nossas falhas e limitações! Depois de termos realizado o que nos foi proposto, queremos simplesmente repetir: "*Somos servos inúteis*", e queremos entregar às irmãs e irmãos, o fruto de nosso labor.

Esta XV Assembléia da CRB quer expressar sua fidelidade a Jesus Cristo, aos Fundadores e à Igreja, propondo caminhos novos de evangelização.

Conversão — Evangelização

Evangelizar!

Quantas vezes, ao falarmos ou refletirmos sobre evangelização, somente pensamos ou nos dirigimos aos outros? Nós mesmos, os Religiosos e Religiosas, pessoas e instituições, necessitamos ser evangelizados!

Ser evangelizado é ligar-se a Jesus Cristo, centro e encarnação da Boa Nova. É converter-se, cada dia e sempre mais fundamente à Palavra-Vida, numa relação pessoal com Jesus que rompeu as barreiras entre os homens para instaurar a fraternidade; que venceu o pecado e o mal sob todas as formas; que triunfou sobre a morte e continua vivo, ressuscitado; que nos quer discípulos e testemunhas da fraternidade, da justiça e do amor: "Vocês já não são filhos das trevas, mas da luz; vocês não vivem sob

a lei, mas livres; vocês vivem sob o reino da graça, o reino do amor" (Ef 5,8 I Tes 5,5; Rom 6.14, 7.6).

E à Igreja também a novidade do Evangelho reclama conversão porque, "evangelizadora" que é, "deve começar por se evangelizar a si mesma... Comunidade de esperança... e de amor fraterno, tem necessidade de escutar sem cessar o que deve crer... de proclamar as maravilhas que a levaram à conversão ao Senhor... de ser, novamente, por Ele convocada e reunida", diz Paulo VI na E.N. 15,5.

Depende de nós, aqui presentes, transformar esta XV AGO da CRB em marco propulsor de Nova Evangelização, que seja fonte de conversão da própria Vida Religiosa e expressão de renovado entusiasmo no seguimento de Jesus, na construção do Reino de Deus, em comunhão com os Pastores e em favor dos mais necessitados, os prediletos de Deus. Maria a Estrela da Nova Evangelização, acompanhe e abençoe nossos trabalhos.

Relembrando os 35 anos da Conferência dos Religiosos do Brasil, tenho a alegria de declarar aberta esta XV Assembléia Geral Ordinária da CRB.

Liceu Coração de Jesus

São Paulo, 24 de julho de 1989.

Ir. Claudino Falchetto FMS
Presidente Nacional da CRB

MENSAGEM DO SENHOR

NÚNCIO APOSTÓLICO NO BRASIL

À XV AGO DA CRB

É com prazer que saúdo os Religiosos do Brasil reunidos em sua XV Assembléia Geral, para a qual invoco de coração as luzes e as bênçãos do Espírito Santo. Faço votos para que vossos estudos e reflexões produzam os melhores frutos em vista de uma vivência cada vez mais fiel dos vossos votos e compromissos sagrados.

Muito a propósito escolhestes como tema central de vossa reunião: "A nova evangelização e a Vida Religiosa".

1. Na verdade, "evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda", já dizia Paulo VI (Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* 14). Na Evangelização se concentra e desenrola toda a missão da Igreja. Ocorre, porém, que nos últimos tempos a ordem do Senhor Jesus, confiada à Igreja, de evangelizar todos os povos (cf. Mt 28,18-20), se faz mais premente. É o que o S. Padre João Paulo II tem notado repetidamente.

Seja permitido lembrar, por exemplo, o empenho com que S. Santidade pediu aos Bispos e fiéis católicos da América uma renovação de

seu zelo apostólico na década de 1982 a 1992, à guisa de preparação para mais frutuosa celebração do quinto centenário da descoberta da América. Recordo também que em algumas de suas visitas pastorais a países da Europa, o S. Padre propôs uma nova evangelização em resposta à descristianização de tais povos. Mais recentemente, na Exortação *Christifideles laici*, João Paulo II expôs de maneira sistemática os porquês de seu apelo a uma nova evangelização.

Nações inteiras, outrora dotadas de próspera vida cristã, são hoje em dia minadas pelas ondas do indiferentismo e do ateísmo. Em consequência, muitos habitantes de tais países concebem tremendas interrogações a respeito do sentido da vida e, já que para essas indagações não encontram resposta, cedem à tentação de eliminar a própria vida, que lhes parece vazia ou absurda.

Outros povos conservam ainda bem vivas suas tradições de piedade; tal é o caso do nosso Brasil. Mas são ameaçados pelos males do secularismo, de um lado (reduzindo quase exclusivamente ao humano ou ao horizontal as suas preocupa-

ções), e pelas seitas, que, de outro lado, lançam confusão religiosa e sincretismo em meio ao povo despreparado.

Ora, sem dúvida, os Religiosos são vivamente interpelados tanto pela problemática da fé que marca o Brasil de hoje, como pelas exortações do S. Padre o Papa João Paulo II. Eis o que me leva a me congratular convosco pela atenção dedicada a assunto de tanta relevância.

2. Motivados pelo desafio, perguntamos logicamente: como responder-lhe?

a) Certamente, cada Ordem e Congregação Religiosa, auscultando o seu carisma próprio, há de descobrir os meios específicos para atender às solicitações de uma nova evangelização em nossos tempos. Deixo esta tarefa ao vosso zelo. Neste momento desejo sugerir-vos um recurso básico e universal, inspirado pelo próprio Sumo Pontífice:

Para poder atuar eficazmente, a Vida Religiosa há de procurar reforçar a estrutura e a índole mesmas da vida consagrada a Deus. É preciso *ser* para poder *agir* autenticamente. Ora o ser da Vida Religiosa foi cuidadosamente explicado pelo Decreto *Perfectae Caritatis* do Concílio do Vaticano II: a vitalidade dos Religiosos está precisamente na sua união com Deus e no cultivo de intensa espiritualidade donde emanam o amor ao próximo e o vigor do apostolado. São palavras do documento conciliar:

“Cultivem os membros dos Institutos Religiosos com zelo cons-

tante o espírito de oração e a própria oração, haurindo das puras fontes da espiritualidade cristã” (nº 6).

Na Constituição *Lumen Gentium* lemos ainda:

“A santidade da Igreja aparece de modo todo peculiar na prática dos conselhos evangélicos. Esta prática, abraçada por muitos cristãos sob o impulso do Espírito Santo, seja sob forma individual, seja em condição ou estado sancionado pela Igreja, dá e deve dar ao mundo um preclaro testemunho e exemplo dessa mesma santidade” (nº 39).

Eis, meus caros Religiosos, o que, antes do mais, convém lembrar neste momento em que vos dispondes a refletir sobre a evangelização e a Vida Religiosa. Desde os primeiros meses de seu Noviciado, os Religiosos, ao estudarem as respectivas Constituições, aprendem de seus santos Fundadores e mestres que a Vida Religiosa só tem sentido, se é a vivência, tão coerente quanto possível, de uma total consagração a Deus mediante os conselhos evangélicos ou os votos de pobreza, castidade e obediência. Na medida em que são fiéis a este propósito, seu testemunho é eloquente e sua vida é altamente fecunda em frutos espirituais. Caso, porém, esta diretriz central seja esquecida, os Religiosos verificam que sua vida perde significado porque perde sua identidade e degenera num ativismo inquieto e febril.

b) Ainda seguindo o pensamento de João Paulo II, expresso em vários documentos recentes, desejo

dizer-vos que o exercício de nova evangelização em nossos dias requer, da vossa parte, sólida formação... sólida formação, da qual sejam enfatizados três aspectos principais:

— *formação espiritual*, já anteriormente mencionada em linhas gerais. É para desejar que cada Religioso e Religiosa se impregne profundamente das normas de ascese e mística indicadas pelo respectivo Fundador ou Fundadora. Cada qual destes recebeu do Espírito Santo uma intuição, que, devidamente codificada e posta em prática, é a principal riqueza de cada família religiosa e patrimônio da Igreja Santa;

— *formação doutrinal*. As múltiplas correntes filosóficas e teológicas que sopram sobre a sociedade contemporânea, exigem que os Religiosos, mais do que outrora, as saibam discernir, assumindo o que nelas possa haver de realmente bom e rejeitando os erros. Muitos, no exercício do seu apostolado, devem sentir-se interpelados por fiéis leigos, impressionados por quanto viram ou ouviram de público e desejosos de esclarecimentos. Estamos conscientes dos graves problemas doutrinários que as seitas têm suscitado no Brasil e em outras partes do mundo; a Bíblia e os símbolos sagrados têm sido utilizados de maneira subjetiva e arbitrária, confundindo o povo de Deus, até mesmo em suas camadas intelectuais. Daí a imperiosa necessidade de que os Religiosos e as Religiosas tenham boa iniciação nas verdades da fé; sejam estas estudadas à luz do magistério da Igreja, a

quem Cristo confiou o encargo de guardar e transmitir autenticamente a mensagem sagrada (cf. Mt 16, 16-19; Lc 21,31s; Jo 21,15-17; Jo 14,26; 16,13-15).

Com razão, aliás, vários Institutos Religiosos promovem a formação permanente de seus membros, precisamente em vista da necessária atualização para o apostolado. O S. Padre João Paulo II, ainda a 19/12/1988, dirigindo-se à Assembléia Plenária da Congregação dos Religiosos, louvava tal iniciativa nos seguintes termos:

“Os Superiores dos Institutos não deixarão de prover à boa organização da formação contínua dos seus Religiosos. A este propósito desejo repetir aqui o que já disse aos Religiosos do Brasil: ‘Todos os Institutos Religiosos têm o dever de prever e pôr em prática um plano adequado de formação permanente para todos os membros. Será um programa que não vise apenas à formação da inteligência, mas à de toda a pessoa, principalmente em sua dimensão espiritual, a fim de que todos os Religiosos e Religiosas possam viver em plenitude a sua consagração, na missão específica que lhes é confiada na Igreja’ (Insegnamenti di Giovanni Paolo II IX 2, 1986, p. 251)” (La Documentation Catholique, n° 1.977, ... 05/02/89, p. 109).

— *formação na doutrina social da Igreja*. No mundo conturbado por propostas sócio-políticas diversas, é oportuno lembrar que o Evangelho tem suas incidências na vida social, tornando-se assim fator de boa ordem administrativa. Sabemos

que tais incidências têm sido formuladas progressivamente pelos Papas desde Leão XIII (*Rerum Novarum*, 1891); são cada vez mais concretas e adaptadas à evolução da questão social. Oferecem os mais sólidos fundamentos para se defender a pessoa humana, sua dignidade e seus direitos, e estruturar uma justa convivência dentro de cada nação assim como no âmbito internacional. Destaco a propósito um inciso da Instrução *Libertatis Conscientia*:

“O ensinamento social da Igreja nasceu do encontro da mensagem evangélica e de suas exigências, resumidas no mandamento supremo do amor com os problemas que emanam da vida da sociedade. Ele constitui-se como uma doutrina, usando os recursos da sabedoria e das ciências humanas, diz respeito ao aspecto ético desta vida e leva em consideração os aspectos técnicos dos problemas, mas sempre para julgá-los do ponto de vista mo-

ral. Perita em humanidade, a Igreja oferece em sua doutrina social um conjunto de princípios de reflexão, de critérios de julgamento, como também de diretrizes de ação, para que sejam realizadas as mudanças profundas que as situações de miséria e injustiça estão a exigir, e isto de maneira que sirva ao verdadeiro bem dos homens” (nº 72).

São estas, meus caros Religiosos, algumas ponderações que em tão solene momento lhes desejo propor, ciente de que aspirais a exercer cada vez melhor a vossa missão “intimamente relacionada com a vida e a santidade da Igreja” (Const. *Lumen Gentium* nº 44). Que Maria, a Mãe do Verbo e nossa Mãe, vos obtenha a graça de trabalhos produtivos e fecundos que vos animem sempre mais para ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13s)!

Dom Carlo Furno
São Paulo, 24/7/1989

SAUDAÇÃO DA CLAR À XV AGO DA CRB

1. Agradecimento

Irmãs e Irmãos, em primeiro lugar quero expressar o agradecimento da Presidência da CLAR pelo convite que me foi feito, para participar desta XV Assembléia Geral Ordinária da CRB.

Sabemos que não se trata de um convite de simples cortesia. Pelo contrário, são muito profundos os laços de união e afeto que existem entre a CRB e a Presidência e Secretariado da CLAR.

Diria mais ainda: toda a Vida Religiosa da América Latina quisera participar deste acontecimento da CRB, que sem dúvida, será animado pelo Espírito de Jesus.

Muitas coisas a CLAR tem que reconhecer e agradecer à CRB:

— sua vitalidade sempre crescente;

— seu estilo profético, tanto em sua presença quanto em sua missão;

— a comunhão afetiva e efetiva com seus Pastores;

— seus 25 anos de caminho na vida inserida e no compromisso com os pobres;

— sua organização e a seriedade de suas experiências, reflexões, projetos e tarefas;

— suas diferentes equipes de assessores de cujos trabalhos se beneficia todo o resto da Vida Religiosa na América Latina.

Muito particularmente quero agradecer, em nome da CLAR:

— os assessores que nos oferece a Vida Religiosa do Brasil. Entre todos eles quero hoje recordar o muito querido e exemplar religioso, Frei Carlos Mesters;

— o prolongado e tão competente serviço que prestou à CLAR a Irmã Hermengarda Alves Martins cuja fortaleza nas provações e paixão pela Vida Consagrada na América Latina é indescritível;

— o primeiro Vice-Presidente da CLAR durante o triênio passado, Pe. Edênio Valle, e o segundo Vice-Presidente atual, Irmão José Israel Nery, sempre presentes com sua reconhecida capacidade em todas as complexas circunstâncias pelas quais atravessou e ainda está percorrendo a CLAR;

— finalmente, a CLAR quer expressar hoje perante todos os pre-

sentes, sua gratidão e admiração pelo Irmão Claudino Falchetto FMS e secretariado da CRB, porque, com seu testemunho, aportes e eficiência, enriqueceram o caminhar da Vida Religiosa na América Latina.

2. A hora da tribulação

As forças da contradição, da confusão e até da perseguição organizada foram soltas contra o Povo de Deus na América Latina, contra seus Pastores, e muito particularmente, contra a Vida Religiosa.

Não podia ser de outra forma.

É todo um Continente que está suportando as mais graves consequências de uma larga e crescente exploração, inumana, pavorosa e diabólica.

Desde o momento em que o Espírito nos despertou para fazer uma opção consciente e decidida a favor desse povo, enfrentando em seu próprio núcleo esse mistério de iniquidade que o aprisiona, ninguém de nós terá o direito de viver na paz de um refúgio seguro e neutro, ninguém poderá gloriar-se de não ter sujado as mãos, os pés e o coração, fazendo e anunciando o Reino novo nesta sociedade inumana.

Todos sabemos que os principais ataques desandam sobre os Pastores e a Vida Religiosa do Brasil, sobre as organizações e as CEBs desse grande país, sobre seus agentes de pastoral e seus teólogos.

3. A hora da Igreja e da Vida Religiosa na América Latina

Nesse contexto eclesial e religioso, a XV AGO quer tratar o tema da Nova Evangelização e a Vida Religiosa. Toda nossa vida e presença na América Latina deve ser e realizar essa Nova Evangelização. Toda a Vida Religiosa deve assumir o compromisso de colaborar com nosso povo e com os Pastores, para que a 4ª Assembléia Geral do CELAM, a ser celebrada em Santo Domingo, no ano de 1992, dê seus melhores frutos e nos impulse com renovadas forças e esperanças, a construir o Reino no terceiro milênio que logo mais iniciaremos.

Irmãos e Irmãs, chamados a iniciar a Nova Evangelização nesses tempos de graves tribulações, rogo ao Senhor que vocês possam descobrir e sentir profundamente nestes dias, que:

— esta é a hora da Igreja e da Vida Religiosa na América Latina. Esta é a hora mais fecunda, a hora mais esperada. É A HORA! Jesus torna a repetir: "Vigiem e orem para não cair em tentação. Se a vontade está firme, o corpo no entanto, é débil" (Mt 26,41).

— esta é a hora de viver em profunda HUMILDADE. A Vida Religiosa não possui o protagonismo nem na Igreja nem na sociedade. Não lhe compete nem o protagonismo pastoral nem o protagonismo no magistério, embora devamos sim, traduzir em nossa vida e na linguagem de nosso povo, os

ensinamentos da Igreja. A missão da Vida Religiosa é manifestar profeticamente sua paixão pelo Deus do Reino e por seu Povo que são todas as mulheres e os homens criados para a vida e não para a morte. Missão da Vida Religiosa é viver com a maior radicalidade o Santo Evangelho e as opções que nossos Pastores da América Latina fizeram, principalmente a opção pelos pobres. É missão da Vida Religiosa poder dizer depois de ter-se entregue toda ao serviço do Reino: "Somos servos inúteis. Não fizemos senão o que devíamos fazer" (Lc 17,10).

— é a hora da FÉ pura e dolorosa, para reconhecer que, precisamente nesses tempos de dramática tempestade na América Latina, o Senhor está presente, realizando sua Páscoa libertadora: "Ânimo, sou eu. Não tenham medo" (Mc 6,50).

— é a hora da ESPERANÇA segura, paciente e constante. A Igreja e nossa sociedade têm necessidade da esperança teologal. Não as privemos desse testemunho. A nós, religiosos e religiosas, se nos convoca a sermos testemunhas da esperança, precisamente nesta hora. Carregamos em nosso coração a fonte da esperança, que são as palavras do próprio Jesus: "Disse-vos isso para que, estando unidos a mim, tenhais paz. No mundo encontrareis tribulação, mas tende coragem: eu venci o mundo" (Jo 16,33).

— é a hora da CARIDADE e da SOLIDARIEDADE evangélicas: a Igreja e nossa sociedade necessitam experimentar o amor e a com-

paixão de Jesus. O fanatismo e a diplomacia estão matando a amizade evangélica dos discípulos de Jesus. Nós, religiosas e religiosos, somos chamados nesta hora, a entregar nosso amor e nossa vida pelas irmãs e irmãos da América Latina. Somos convidados a viver o mistério de comunhão às vezes tão doloroso, e a construir a tão ansiada unidade: "Rogo-Te, Pai, que todos sejam um, para que assim como Tu, Pai, que estás em mim e eu estou em Ti, estejam eles em nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste" (Jo 17,20-21).

— é a hora de experimentar a perfeita ALEGRIA: não deixemos passar esta hora singular para viver e testemunhar a alegria derramada pelo Espírito de Jesus nos momentos de provação: "Felizes sereis quando os homens vos perseguirem, vos expulsarem, vos ultrajarem e proscreverem vosso nome como maldito, por ódio ao Filho do homem. Alegrai-vos então e regozijai-vos porque grande será vossa recompensa no céu. Esse é o tratamento que vossos pais costumavam dar aos profetas" (Lc 6,22-23). Felizmente, a Vida Religiosa já conta com numerosos mártires na América Latina.

4. Conclusão

Irmãs e irmãos, esta é a hora da Vida Religiosa na América Latina e no Brasil. Ninguém de nós que tenha posto a mão no arado, olhará para trás agora, nestes tempos de tribulação (Lc 9,62). Ninguém tem direito de abandonar o próprio posto porque precisamos uns dos outros, muito solidariamente unidos.

Quero trazer aqui o abraço cálido e fraterno de todas as religiosas e religiosos da América Latina, que tantas esperanças depositam na Vida Religiosa e na Igreja do Brasil.

Expresso aqui minha oração confiante e filial à Virgem Aparecida, ao Beato José de Anchieta e a tantos outros testemunhas do Evangelho nesta terra, para que intercedam perante o Senhor da história por esta XV AGO da CRB, a fim

de que dela brotem abundantes frutos, se possa eleger uma nova Diretoria cheia de força e de esperança e, finalmente, para que este acontecimento de salvação que é a AGO, expresse a resposta generosa e valente da Vida Religiosa do Brasil à hora do Senhor na América Latina.

São Paulo, 24/7/1989.

Frei Luis Coscia OFM Cap
Presidente da CLAR

PRIORIDADE DA XV / CRB

Os Superiores e Superiores Maiores e Representantes da Conferência dos Religiosos do Brasil, reunidos em sua XV Assembléia Geral Ordinária de 24 a 28 de julho de 1989, em São Paulo,

— tendo em vista a celebração dos 500 anos de presença cristã na América Latina;

— acolhendo o apelo do Papa João Paulo II para uma Nova Evangelização no Continente (cf. Carta aos Religiosos por ocasião da XV AGO da CRB);

— tendo refletido sobre a Vida Religiosa e sua missão evangelizadora à luz da Palavra de Deus e das Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil,

propõem como **PRIORIDADE** para os religiosos e religiosas do Brasil, no próximo triênio:

SEREM EVANGELIZADORES NA PERSPECTIVA DOS POBRES, COM NOVO ARDOR, NOVOS MÉTODOS E NOVA EXPRESÃO, SEGUNDO A DIVERSIDADE DOS CARISMAS CONGREGACIONAIS.

— Assumindo, pela inserção e inculturação, a causa dos pobres, sujeito histórico emergente, e deixando-se evangelizar por eles;

— Aprofundando a espiritualidade que nasce da experiência de Deus vivida no processo de libertação do povo;

— Fazendo-se mais presentes no “deserto”, na “periferia” ou na “fronteira” onde é mais necessária e comprometedora a tarefa da evangelização e são menos numerosos os evangelizadores;

— Vivendo a dimensão profética da VR, pelo testemunho pessoal e comunitário, no anúncio do Reino e na denúncia da injustiça e do pecado;

— Intensificando a comunhão eclesial.

Linhas de ação

Para concretizar essa Prioridade, a XV AGO recomenda a CRB que, através de suas diversas instâncias:

1) Propicie elementos de reflexão que possibilitem aos religiosos e religiosas maior compreensão e valorização das diversas culturas, incentivando o diálogo intercultural e o processo de inculturação.

2) Incentive a participação de religiosos e religiosas em organizações populares, oferecendo elementos para a formação de juízo crítico a respeito dessas mesmas organizações e da participação nelas.

3) Incentive as religiosas e religiosos a colaborarem na organização das mulheres pobres, em vista de sua libertação.

4) Renove o incentivo a religiosas e religiosos a se inserirem no serviço aos jovens, na linha da Pastoral da Juventude da Igreja no Brasil.

5) Estude o significado do mundo do trabalho e seus mecanismos, analise as experiências de inserção nessa realidade e forneça elementos de avaliação.

6) Estimule as religiosas e religiosos à educação política para que esclareçam seu papel específico, inclusive na política partidária, e possam ajudar os militantes leigos e leigas a assumirem, inspirados no Evangelho, esse compromisso.

7) Incentive as religiosas e religiosos à leitura crítica e à utilização profética dos meios de comunicação social, tendo em conta o papel que estes desempenham na sociedade atual.

8) Leve os religiosos e religiosas a um maior empenho em colaborar na formação de um laicato ativo, que assumam a própria missão na Igreja e na sociedade.

9) Continue promovendo encontros, seminários e publicações sobre a opressão-libertação da mulher na sociedade, na Igreja e na VR, ajudando os religiosos e religiosas a superarem o androcentrismo e a crescerem no relacionamento de reciprocidade e igualdade entre homem e mulher.

10) Continue conclamando as Congregações a enviarem religiosos e religiosas às áreas e setores de vanguarda evangelizadora que apresentam maiores desafios, tanto no Brasil como no exterior.

11) Recolha e divulgue experiências de Vida Religiosa presente hoje na "fronteira".

12) Promova pesquisas e reflexões sobre a história da Vida Religiosa no Brasil, na ótica dos pobres, procurando resgatar a memória de religiosos e religiosas profetas, mártires e líderes populares.

13) Dê maior atenção e apoio aos religiosos e religiosas enviados para o serviço profético-evangelizador "ad gentes", e procure prestar ajuda em sua preparação, somando esforços com a CNBB.

14) Auxilie os religiosos e religiosas a fazerem um discernimento sobre os movimentos eclesiais, levando em conta a caminhada da Igreja Latino-Americana e a opção preferencial pelos pobres.

15) Ofereça aos religiosos e religiosas pistas de reflexão e ação para eventuais situações de conflito com a hierarquia e dentro da hierarquia, de forma a contribuir para sua superação, numa atitude de amor à Igreja e de fidelidade à tradição profética própria da VR.

16) Ajude as Congregações a estarem atentas aos religiosos e religiosas jovens, reconhecendo seus valores próprios, dando-lhes espaço de expressão e discernindo com eles os complexos desafios da cultura dominante.

17) Auxilie as Congregações a acompanharem com carinho as vocações populares e sua formação inserida, para que não se desenraízem de sua realidade e ajudem a questionar o modelo vigente de formação.

18) Ajude as Congregações a se abrirem cada vez mais ao acolhimento das vocações provenientes da comunidade negra e de povos indígenas, promovendo uma formação adequada que possibilite a formandos e formandas cultivarem suas características culturais e seus valores específicos.

19) Continue a oferecer cursos específicos para a preparação de formadores, como o CETESP, para que as Congregações possam prover, preferencialmente no país, suas necessidades neste setor.

20) Continue, através de iniciativas como o Plano Palavra-Vida, de cursos como o CETESP, CERNE e PRO-FOCO, de encontros ou seminários e de publicações, a incentivar uma espiritualidade que se alimente da Palavra de Deus, da Tra-

dição viva da Igreja e das diversas Congregações, e beba do poço da fé e religião de nossos povos.

21) Ofereça subsídios que levem as religiosas e religiosos idosos a assumirem a terceira idade e a encontrarem seu lugar no seio da caminhada da Vida Religiosa hoje.

22) Ajude às Congregações a reverem o sentido e a atualidade das próprias obras para que estas sejam criativamente fiéis à sua inspiração originária e respondam às necessidades atuais mais urgentes.

23) Estimule as religiosas e religiosos a uma conversão e mudança de mentalidade no tocante à administração dos bens, e a somarem forças humanas e recursos financeiros em projetos evangelizadores comuns, na perspectiva dos pobres.

24) Continue propiciando assessoria e acompanhamento às Congregações de fundação brasileira no seu processo de inculturação, para que saibam superar o risco da repetição de modelos culturais cênicos, e se tornem expressão autêntica de Vida Religiosa inculturada.

GRUPO DE REFLEXÃO E AÇÃO «JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE» DA CRB

A idéia de se constituir um Grupo de Reflexão e Ação "JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE" (JUS-SOL), da CRB, há mais tempo surgira. No Encontro da Diretoria e Assessores Nacionais com os Presidentes e Assessores Regionais da CRB, em Brasília, em outubro de 1988, decidiu-se que o Presidente Nacional apresentaria a idéia à XV AGO. A Assembléia acolheu a sugestão e constituiu uma Comissão para analisar o assunto. A Comissão elaborou a proposta abaixo, amplamente aprovada pelos Superiores Maiores presentes.

"A comissão nomeada pela 15ª AGO para estudar a proposta da criação da Comissão "Justiça e Solidariedade" recomenda à Assembléia a aprovação das seguintes proposições:

1ª: — Criação, a nível nacional, do Grupo de Reflexão e Ação "JUSTIÇA E SOLIDARIEDADE", da CRB Nacional.

2ª: — A nomeação dos membros do referido grupo é atribuição da Diretoria Nacional da CRB. Recomendamos que o referido grupo seja composto por religiosas e religio-

sos de reconhecida sensibilidade sócio-político-eclesial e de suficientes conhecimentos jurídicos para assessorar o Presidente da CRB/Nacional nas questões que dizem respeito à justiça, à paz e à solidariedade humana.

3ª: — O grupo terá como objetivos:

a) Responder à urgência evangélica de se assumir corporativa e intercongregacionalmente, segundo as orientações da Igreja, o exercício da dimensão profética da Vida Religiosa no anúncio do Reino, da Fraternidade, Justiça e Paz em Jesus Cristo, e na denúncia da violação dos direitos humanos, da injustiça e opressão que negam o florescimento do Reino junto ao nosso povo.

b) Denunciar as formas de pecado social em nosso país, concretizadas na violência, na extorsão, na perseguição e morte de pobres, mulheres, índios, negros, operários, sem-terra, cristãos, religiosas e religiosos por causa do Evangelho.

c) Aprofundar, evangelicamente, a consciência crítico-social de religiosas e religiosos face à realidade concreta de nosso país.

4ª: — O grupo terá como Linhas de Ação:

— Denunciar a violação dos Direitos Humanos.

— Promover a defesa da Vida e da Dignidade da Pessoa Humana.

— Apoiar Irmãs e Irmãos que atuam em situações de conflito social.

— Promover ou participar de gestos públicos e coletivos na linha da Solidariedade aos oprimidos e injustiçados.

— Promover junto aos religiosos e religiosas a análise sócio-político-econômico-eclesiástica de nosso povo e o estudo dos textos do Magistério da Igreja referentes a essa problemática.

5ª: — O Grupo manterá relacionamento com CNBB e organismos similares da América Latina:

— Com a CNBB, o grupo manterá um relacionamento que reforce os laços de comunhão, como se fez até hoje;

— Com os organismos similares, civis ou eclesiásticos, o grupo terá um relacionamento aberto, de diálogo e cooperação;

— Com os Superiores Maiores, as Regionais e os Bispos, o Grupo procurará formas de comunicação constante.

No relacionamento com tais entidades o grupo não pretende substituir nem se subtrair, mas somar, com elas, esforços na defesa da vida, na prática da justiça e da paz, sobretudo quando nossos irmãos e irmãs, pela causa do Evangelho, forem vítimas de perseguição ou violência”.

Proposta aprovada pela XV
AGO/CRB.

PARECERES

PARECER DA COMISSÃO REPRESENTATIVA DA XV ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

A Comissão representativa da XV AGO da CRB, reunida no dia 26 de julho numa das dependências do Liceu Coração de Jesus, São Paulo, emite o seguinte parecer sobre o RELATÓRIO GERAL (Fatos) da Diretoria Nacional referente ao Triênio 1986-1989, conforme prescreve o Art. 13, letra c do Estatuto:

1. As prioridades e as Linhas de Ação fixadas na XIV Assembléia Geral Ordinária, foram amplamente implementadas e efetivadas ao longo do triênio. Tanto o espírito quanto a letra do Relatório o comprovam.

2. Os grupos de reflexão são descritos como importantes e significativos na caminhada da vida religiosa no Brasil e na consecução dos objetivos assumidos na Assembléia anterior. Especial realce é dado à produção da equipe de reflexão teológica.

3. A ação das equipes de coordenação das Superiores Gerais das Congregações Brasileiras e de Coordenação do PRO-FOCO recebe um tratamento original como característica própria da Conferência dos Religiosos do Brasil.

4. É digno de louvor o registro do que foi realizado em favor da formação permanente, através dos cursos e seminários.

5. As publicações (artigos na *Convergência*, fascículos e livros) encaradas como instrumento eficaz de animação da vida religiosa e de formação permanente, são um testemunho eloqüente e fértil da concretização das prioridades e das linhas de ação deste triênio. Iluminam a caminhada e abre novas perspectivas para todos os religiosos no seu ser e agir.

6. A comunicação através de muitas circulares, cartas e telegramas, expedidos a serviço da consecução dos objetivos de animação e promoção da vida religiosa, não só em relação à organização interna da Entidade, mas também em relação a Organismos Nacionais e Internacionais, revela a vitalidade, a transparência e a partilha da CRB ao longo da gestão.

7. Graças às inúmeras reuniões da Diretoria, do Conselho Superior, do Conselho Fiscal, das Assessorias e dos Grupos de Reflexão constantes no Relatório, transparece a colegialidade, a subsidiariedade, a comunhão e a participação, reinantes na CRB, levando a bom termo a programação estabelecida.

Diante do exposto, somos de parecer que a XV AGO, referendan-

do o Parecer do Conselho Superior, aprecie favoravelmente e aprove o RELATÓRIO GERAL referente ao triênio 1986-1989.

São Paulo, 26 de julho de 1989.

Pe. João Roque Rohr SJ

Irmã Nadir Bavaresco

Irmão Roque Sallet FMS

N.B. — Esse Parecer foi aprovado pela XV AGO/CRB.

PARECER DO CONSELHO SUPERIOR

O Conselho Superior da CRB, reunido nos dias 15 e 16 de junho de 1989, no Rio de Janeiro, após exame dos relatórios das atividades da Diretoria, Assessores e Grupos de Reflexão e do diálogo com os respectivos membros emite, em duas partes, seu parecer, referente ao triênio 86/89:

1. Análise das atividades e programas da CRB, em vista da concretização da Prioridade estabelecida na XIV AGO:

“O compromisso de viver a dimensão profética da Vida Religiosa:

— Discernindo criticamente no contexto sócio-eclesial, as formas adequadas de encarnação-missão;

— Impulsionando a inserção nos meios populares, segundo a diversidade dos carismas;

— Aprofundando a espiritualidade que nasce da experiência de

Deus no compromisso com a libertação do povo”.

2. Análise da gestão administrativa.

1. Prioridade, linhas de ação:

Examinando as atividades e os programas desenvolvidos no triênio, a partir dos relatórios e do diálogo com os responsáveis, este Conselho destaca os seguintes pontos:

1.1. Quanto à Prioridade, verificou-se o empenho da CRB para viabilizá-la em todos os níveis onde os religiosos marcam presença, através de Seminários, Cursos, Publicações, Assembléias, Grupos de Reflexão e presença da Diretoria nas Regionais.

1.2. Quanto às Linhas de Ação: Inserção nos Meios Populares, Formação, Saúde, Educação, Envio “ad gentes” e Meios de Comunicação Social, constatou-se o esforço enorme da Diretoria, Assessorias e Grupos de Reflexão da CRB para operacionalizá-las na direção indicada pela Prioridade definida na XIV AGO.

1.3. Quanto à operacionalização da Prioridade e das Linhas de Ação, verificou-se que a CRB, pela sua Diretoria, Assessorias e Grupos de Reflexão procurou agir em comunhão com a CNBB, o CELAM, a CLAR e os Organismos da Santa Sé. Nunca se furtou ao diálogo e nem aos compromissos solicitados por estas entidades.

1.4. Quanto ao desafio da “Nova Evangelização”, constatou-se a participação rigorosa da CRB para

implementar o Projeto PALAVRA-VIDA como forma de engajamento dos religiosos no desafio lançado pelo Papa João Paulo II.

Elogiamos a conduta responsável da Diretoria na problemática surgida em relação ao referido Projeto, bem como a informação aos Superiores Maiores e Diretorias Regionais sobre as medidas tomadas para resolver os problemas surgidos.

Apesar dos obstáculos colocados, o Projeto "Palavra-Vida" foi muito bem acolhido pela massiva maioria dos religiosos, que descobriram nele, uma forma de alimentar a fé com a Palavra de Deus, lida a partir dos pobres, em vista da Nova Evangelização e do revigoramento de sua consagração.

1.5. Quanto às atividades referentes à formação permanente como o CERNE, CETESP, PROFOCO o apoio dado às Superiores das Congregações Brasileiras e a iniciativa de criar o grupo dos Irmãos, merecem elogio e admiração.

1.6. Quanto à constituição dos Grupos de Psicólogos e de Orientadores Espirituais constatou-se que se tornaram meios de animação dos religiosos para viverem integralmente sua consagração-missão.

1.7. Quanto à Espiritualidade que nasce da experiência de Deus vivida na Inserção nos meios Populares, elogiamos o trabalho da Equipe de Reflexão Teológica e dos Grupos de Reflexão no sentido de explicitar as linhas mestras desta nova espiritualidade, cujos resultados foram publicados na re-

vista *Convergência* ou em outras publicações.

2. Análise da Gestão Administrativa

2.1. Parecer do Conselho Fiscal

O parecer do Conselho Fiscal, emitido no dia 13 de junho de 1989, assinado pelos seus membros, é assumido integralmente pelo Conselho Superior.

2.2. A reforma e ampliação da Sede da CRB Nacional veio em resposta às solicitações do Conselho Superior dos dois últimos triênios para uma adequação do espaço, agilização do trabalho, maior motivação do pessoal administrativo e conseqüente melhoria do atendimento às Regionais.

2.3. Implantação de informática

A informatização da área administrativa está sendo feita gradualmente, tendo sido implantados totalmente o sistema contábil, a catalogação dos endereços das Congregações, a assinatura da revista *Convergência* e a folha de pagamento.

2.4. Participação das Congregações na CRB

No último triênio um número significativo de Congregações passou a participar ativamente da vida da CRB através dos cursos, seminários, solicitações de assessoria e busca constante de subsídios elaborados pela Equipe de Reflexão Teológica.

2.5. Contribuição das Congregações à CRB

Seguindo sugestões das últimas Assembléias Gerais, a Presidência da CRB está consolidando o fundo de manutenção com o objetivo de tornar a entidade independente de possível ajuda financeira de outros organismos.

2.6. Constatou-se que as publicações da CRB são colocadas à disposição dos religiosos a preço muito acessível, facilitando deste modo a sua aquisição, o que resulta na promoção da Vida Religiosa.

Concluindo, nosso louvor à Diretoria que, através do fascículo "NOVA EVANGELIZAÇÃO e VIDA RELIGIOSA" convocou todos os religiosos a se engajarem na preparação da XV AGO. É o sinal concreto da comunhão e participação no evento mais importante da Vida Religiosa no Brasil.

Rio de Janeiro, 16 de junho de 1989.

Ir. Arlindo Corrent

Pe. Edmundo Twomey

Ir. Edwirges Vannucchi

Ir. Inês Costalunga

Pe. Isidro Augusto Perin

Ir. Nair dos Reis

PARECER DA COMISSÃO SOBRE O RELATÓRIO ADMINISTRATIVO FINANCEIRO DA CRB NACIONAL

Composição da Comissão:

Pe. Claudio Trudelle

Ir. Noriko Takeda

Ir. Gentil Perganutto

** Um voto de louvor ao Irmão Claudino e sua Equipe, pelo bom

desempenho da CRB-Nacional no setor administrativo financeiro neste seu triênio.

** A nossa comissão está plenamente de acordo com o parecer do Conselho Fiscal da CRB exercido na pág. 06 do relatório administrativo financeiro.

** Com relação ao item 04 do mesmo relatório, há um número elevado de Províncias não inscritas na CRB e das 621 inscritas apenas 76% estão colaborando. Neste primeiro semestre estava prevista uma arrecadação de NCz\$ 534.000 e receberam apenas NCz\$ 134.000 — o que está acontecendo?

** Destacamos como positivo a descentralização e subsidiariedade da CRB-Nacional no campo da programação religiosa e administrativa financeira em relação às regionais.

Que se aprove o relatório administrativo.

Sugestões:

1. Diante da participação pouco significativa de muitas Províncias na manutenção da CRB-Nacional;

2. Diante de uma participação maior das Congregações nas Regionais — programação e colaboração financeira;

3. Diante da impossibilidade de muitas Congregações colaborarem com 8% do salário mínimo x número de comunidade x 12 meses.

Propomos:

Que se estude uma nova fórmula de colaboração na manutenção da CRB-Nacional.

N.B. — O Parecer acima foi aprovado pela XV AGO/CRB.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da CRB, reunido em sua sede, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 13 de junho de 1989, para examinar o Balancete de 01 de janeiro a 31 de maio de 1989 e para uma avaliação do triênio, com vistas à próxima AGO, declara:

1. O Livro Didático da CRB está atualizado.

2. Constatamos a exatidão e a regularidade da contabilidade de 01-01-89 a 31-05-89, já efetuada através de sistema computadorizado.

3. Solicitamos e recebemos informações sobre toda a situação administrativo-econômico-financeira da CRB.

Somos, portanto, do parecer de que o Balancete referente ao período de 01-01-89 a 31-05-89, seja aprovado.

Quanto à avaliação do triênio: 1986/87/88, deixamos o seguinte parecer:

1. Constatamos que, durante o triênio, houve exatidão e regularidade da contabilidade, estando sendo cumpridas todas as exigências

jurídicas, legais e fiscais e que os livros contábeis estão em ordem e atualizados.

2. Verificamos que os resultados das operações, as aplicações de recursos, foram administrados de maneira consistente e que oferecem segurança.

3. Verificamos também que, de acordo com a recomendação deste Conselho, no final do triênio passado, foi feita a reavaliação do Ativo Imobilizado.

4. Recomendamos que se continue o trabalho de conscientização em todas as Províncias, da importância de se inscreverem na CRB — pois ainda existem 222 Províncias não inscritas.

Assim, mediante o nosso trabalho como membros do Conselho Fiscal da CRB, durante o triênio 86/87/88, podemos emitir o parecer de que sua "vida administrativo-econômico-financeiro-contábil" vem sendo trabalhada com muita seriedade e segurança.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1989.

Irmã Hilda de Oliveira
Irmã Maria de Paz Velasco
Irmão Paulo de Melo

CARTA AOS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DO BRASIL

Rio de Janeiro, 31 de julho de 1989.

Caríssimos irmãos,
Caríssimas irmãs,

Há seis anos chegava eu a esta casa para iniciar uma etapa diferente de minha vida: eleito pela XIII Assembléia Geral, assumia a Presidência da CRB, com temor e tremor, mas firme na fé, cheio de esperança e, sobretudo calçado por uma confiança inabalável na promessa de Jesus: "Estarei com você". Acompanhava-me, ainda, a certeza da presença da Boa Mãe, guia e proteção de meu caminho.

Aqui recebi uma missão. Aos poucos percebi que essa missão tomava forma mais concreta e dimensões que ultrapassavam os limites de uma Província, de uma Congregação, para se estender a toda a Vida Religiosa do Brasil, com a relevância que ela tem na vida da Igreja, de uma Igreja comprometida e encarnada.

A CRB havia ultrapassado os momentos difíceis de sua história: como organismo de animação da Vida Religiosa, objetivos definidos e

perseguidos com clareza, o importante e necessário era deixar a vida se manifestar, perceber suas tendências, procurar discerni-las à luz da Palavra de Deus e das orientações da Igreja, ensaiar novos passos, dinamizar, coordenar, incentivar, a exemplo do pastor cantado pelo Profeta Ezequiel (Ez. 34).

Aos poucos fui tomando contacto com as Congregações Religiosas: indistintamente, nossa atenção se voltou para todas — desde as maiores até às menores; as que nos procuravam ou aquelas que nós mesmos buscávamos; as contemplativas em seus mosteiros; as Congregações Brasileiras em busca de uma identidade própria; as missionárias; as mais tradicionais como as mais arrojadas em suas iniciativas pastorais e proféticas junto do povo. Nenhuma Congregação foi excluída de nossos objetivos e para todas a CRB desejou e deseja ser uma resposta de ajuda, de apoio, de encorajamento, de louvor, de fraternidade. Essa resposta é perseguida no dia a dia das atividades que cabem ao Presidente e seus Assessores mais diretos na Sede da entidade. Aqui estive presente, todos os dias: meu alimento diário passou a

ser a VIDA da Vida Religiosa do Brasil e das Igrejas Irmãs da América Latina, pelo laço que nos une e pela comunhão que entre nós existe. As esperanças, as inquietações, as realizações, as conquistas, os retrocessos, os avanços, as vitórias, as lutas, as alegrias da Vida Religiosa, fazem parte de mim: já são o sangue que me corre nas veias e fazem pulsar o meu coração. Disso todos os religiosos e religiosas do Brasil podem estar seguros.

Neste momento em que passo a Presidência a outras mãos, faço-o com profunda alegria e reconhecimento. Alegria pelo que vivi, aprendi, recebi. Alegria pelo que partilhei, pelo dom de mim mesmo, pelos Irmãos e Irmãs que encontrei e com os quais o Pai me permitiu vislumbrar caminhos novos e crescer na audácia, na coragem, na fraternidade. Alegria ainda por ter podido ser participante ativo do processo de transformação da Vida Religiosa, hoje tão identificada com os valores da justiça, da solidariedade, do anúncio e da denúncia em um mundo que se aproxima do Pai através do Filho crucificado em milhares e milhares de irmãos deixados à margem da VIDA. Alegria de viver este momento como religioso na e com a Igreja da América Latina, sinal de luz e de esperança para os países do primeiro mundo.

Reconhecimento por todos esses motivos de alegria: eles me foram propiciados pela ternura do Pai e pela convivência com os irmãos. Reconhecimento a Deus, primeiro realizador de toda obra boa e dom

perfeito; reconhecimento aos irmãos e irmãs que participaram comigo, durante estes dois mandatos, da vida cotidiana da CRB Nacional; aos que nos secundaram nas Secções Regionais — colméias onde se elabora a atividade e se concretizam, de maneira mais direta, os objetivos da CRB; reconhecimento aos Superiores Maiores que aceitaram participar das Diretorias e Conselhos, sendo instrumentos de revisão, de avaliação, de orientação e de incentivo; reconhecimento às Congregações que souberam perceber nas prioridades e linhas de ação da Conferência, o sinal dos tempos e o apelo de Deus para a instauração do Reino; às Congregações que confiaram em nós, cedendo as pessoas de que necessitávamos para a consecução de nossa tarefa; às que nos aconselharam, criticaram, advertiram fraternalmente, tornando mais exigente a necessidade de avaliação, de discernimento, de abertura, de escuta, de humildade. Assim, e só assim, o processo pôde seguir sua trilha: seguro na insegurança, forte na fragilidade, tenaz e fiel na transitoriedade dos acontecimentos que nada mais são do que “chamadas” da Providência para a atitude de sentinela e de vanguarda.

Reconhecimento pela grande escola de vida consagrada que foram para mim estes seis anos: a aprofundamento dos grandes temas da teologia da Vida Religiosa, feito ao lado de irmãos e irmãs sérios e competentes; a convivência gozosa com a Presidência da CNBB, nos encontros mensais em que se evidenciaram a unidade de coração e

a pertinácia da ação; a identidade com o corpo total da Vida Religiosa que já não pode mais se eximir de sua opção inspirada nas diretrizes do Vaticano II e especialmente de Medellin e de Puebla. Escola de vida consagrada seguida no testemunho de irmãos e irmãs que hoje dão sua vida, derramando o sangue de suas veias ou de seu coração em favor dos pequenos, dos feitos pequenos pela sociedade. Nessa escola vivi estes anos e à luz de seus ensinamentos Deus me dará a graça de prosseguir.

Irmãos e Irmãs, há muito a dizer. Mas tudo será pouco ou nada em vista da intensidade de vida destes seis anos.

Celebramos nossa XV Assembleia Geral. Nela o Pai nos fez participantes de sua força criadora,

dando-nos o gozo de receber de Deus, o novo Presidente da CRB. Nosso irmão Pe. João Edênio dos Reis Valle SVD está aí: presente do Pai e presente que nós mesmos lhe oferecemos. A ele a garantia do apoio dos religiosos, da confiança que temos de que conduzirá a CRB pelos caminhos de uma Vida Religiosa evangélica e evangelizadora, apta a oferecer ao Brasil, ao mundo, uma face transparente e iluminada pelo brilho de uma renovação "no ardor, nos métodos e na expressão."

Quanto a mim, nada mais real do que terminar com as palavras mesmas do Salmista: "Continua, Senhor, em mim e na CRB, a obra de tuas mãos".

Irmão Claudino Falchetto, FMS

A PALAVRA DE QUEM CHEGA

“Os Religiosos devem estar na “vanguarda” da evangelização, com todo o potencial de sua consagração pelo Reino e de toda a generosidade e criatividade de seus carismas evangélicos” (João Paulo II à XV AGO).

Pe. Edênio Valle, SVD

1 — No fim da XV AGO, um Provincial me disse, admirado: “É essa a primeira vez que participo de uma Assembléia da CRB; só agora me dei conta do que somos na Igreja e da extraordinária força que temos na evangelização do povo”.

Experiência análoga foi a minha quando, em torno de 1974, passei a ter participação mais ativa na vida da CRB, em nível nacional. Primeiro, na Equipe de Reflexão Teológica. Mais tarde, por dois períodos, na Diretoria. Além disto, como assessor, em inúmeros Seminários, Encontros e Assembléias, nas mais diversas regiões do país. Essa foi para mim uma escola. Os contatos diretos com as pessoas e os problemas, com os avanços e impasses, o diálogo imediato com tantos irmãos e irmãs nas situações de frente, na base, ensinaram-me a perceber a VR em sua realidade a um tempo pujante e frágil, como tudo o que vem da ação do Espírito. Ajudaram-me a entender melhor

qual sua missão e vocação eclesiais, o serviço que lhe cabe cumprir hoje dentro das grandes linhas de ação e testemunho da Igreja do Brasil. Hoje vejo com clareza que cheguei a essa visão não tanto pela via da teologia e sim na e pela escola da própria Vida Religiosa em sua inserção cada vez mais decidida na vida do povo, como testemunho da “vida e santidade” da Igreja (L.G. 44).

2 — Esse tirocínio de muitos anos me permite receber com alegria os resultados da XV AGO, incluída aí minha indicação como novo Presidente da CRB. Ao assumir esse serviço, com plena consciência de minhas limitações, revejo as Assembléias anteriores das quais participei, por diversos títulos. O caminho que essas Assembléias foram paulatinamente delineando, curva após curva, horizonte após horizonte, aparece-me em seu significado de vida e desafio, de graça e páscoa. Como Religioso da Igreja do Brasil, julgo poder discernir e

palpar neste processo que vem de muitos anos, a ação do Espírito Santo, a nos conduzir a uma compreensão vitalmente renovada de nossa vocação e missão na Igreja, toda ela voltada à tarefa de evangelizar o nosso povo. Aí dentro, em comunhão com nossos Pastores, queremos ocupar o lugar carismático e profético que nos cabe, à luz da opção preferencial e evangélica pelos pobres.

3 — Alguns me perguntam como recebi essa indicação para a direção da CRB. Minha resposta é simples. Recebi-a “com confiança em Deus e nos Religiosos e Religiosas do Brasil”. Foi o que disse à Assembléia. É o que repito agora, com tranqüilidade e consciência da responsabilidade que assumi. Nos meus primeiros dias de trabalho no Rio, na sede nacional, com os dados da situação analisados mais de perto, vejo que assumo um trabalho que não começa agora, nem que é de uma ou duas pessoas isoladas. Nosso caminho tem já uma história. Pelo seu passado mais remoto e pelas vicissitudes da história mais recente, a VR pode e deve olhar com confiança para o futuro. Quase que por unanimidade absoluta, (houve uma Provincial ou Delegada que persistiu em levantar o cartão vermelho em todas as votações da Assembléia), os Provinciais ratificaram a direção a seguir. A carta do Santo Padre nos revigorou e alentou a seguir pelo caminho trilhado, na linha de nossos carismas e tradições fundacionais. Ele nos incentiva a ir adiante. Eis sua clara diretiva: “Não podem os religiosos contentar-se em cantar as

glórias de uma tradição, que depressa caducaria se não tivesse a continuidade no esforço evangelizador do presente. Por isso vos exorto, meus queridos irmãos e irmãs, no empenho da nova evangelização: “Nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão”. (Discurso aos Bispos do CELAM, reunidos em Porto Príncipe, 09.03.1983). Não podeis faltar a este encontro que a história marca para vós e para o qual vos impele o Espírito do Senhor, o Espírito da evangelização” (carta de João Paulo II a XV AGO, nº 8). A confirmação vinda de Pedro, de que é o “Espírito da evangelização” que nos impele a “este encontro que a história marca”, só pode nos fazer crescer na tranqüila confiança na ação do Espírito em nós, na Igreja e no mundo. “Nós sabemos em quem acreditamos” (2 Tim 1,12).

4 — O que fará a nova Direção da CRB? Essa é outra pergunta que talvez esteja na cabeça de alguns. Em primeiro lugar, quero anunciar a boa notícia que não haverá mudanças imediatas no atual Executivo Nacional. Ao menos até fevereiro de 1990 os Assessores e Assessoras Nacionais continuarão em seus postos. Com isto, será mais fácil o relacionamento e entrosamento da nova Diretoria Nacional com os novos Presidentes Regionais a serem eleitos nos meses de agosto, setembro e outubro. Os trabalhos de rotina da CRB não sofrerão solução de continuidade. Realmente estamos recebendo a casa muito bem organizada. A Diretoria Nacional seguramente não estará “inventando” novidades. Em sua tarefa de

dinamizar a VR do Brasil, sua principal preocupação será a de traduzir em ação efetiva a grande prioridade apontada pela XV AGO, como o eixo orientador da vida dos Religiosos e Religiosas brasileiros nos próximos três anos: "Serem evangelizadores na perspectiva dos pobres, com novo ardor, novos métodos e nova expressão, segundo a diversidade dos carismas congregacionais".

Tal tarefa não será fácil. Além das razões de fundo que caracterizam o momento vivido pela Igreja e o Brasil, existe o fato de a Assembléia ter aberto um leque muito vasto de linhas de ação. São 24 ao todo. Só mesmo com a ajuda de *todos* e com ampla mobilização evangelizadora das bases será possível tornar essas diretrizes algo atuante no serviço evangelizador que nós colocamos como primeira e máxima finalidade para o triênio 1989-1992, que preparará a VR do Brasil para a entrada no ano 501 da evangelização na América Latina.

Ao falar de *todos*, não pretendo usar um termo retórico. O momento vivido pela Igreja e pelo povo exige uma presença unida e participativa de *todos* os Religiosos(as), desde nossa vocação e missão específicas. A Assembléia revelou uma unidade muito grande dos Religiosos entre si e com a Igreja, representada na XV AGO pelo Senhor Secretário da Congregação dos Religiosos, pelo Senhor Secretário da Congregação dos Religiosos, pelo Senhor Nuncio Apostólico, pelos Senhores Presidente e Secretário da CNBB, pelo Bispo nela encarregado

da Vida Religiosa, pelo Senhor Cardeal Arcebispo de São Paulo e um de seus Bispos Auxiliares. Entre nós Religiosos e os nossos Bispos sentiu-se uma grande harmonia de objetivos, de preocupações e de espírito. Os Delegados e Provinciais presentes, por sua vez, admiraram-se da sintonia existente entre todos eles. O tema, em si nada tranquilo, da Nova Evangelização, não encontra dificuldades em se tornar um tema de consenso. A prioridade da XV AGO sintetiza bem esse consenso que só pode ser visto como um presente de Deus a todos nós. No entanto, todos sabemos que existem tensões e problemas, dentro da Igreja e da Vida Religiosa. Embora, sem dúvida, a maioria absoluta dos Religiosos e Religiosas sintam a CRB como a sua grande família, o seu lugar de encontro e discernimento, há pequenos grupos de pessoas ou certos setores de trabalho que oferecem resistência à teologia, à espiritualidade e ao estilo de ser Religioso que a CRB incentiva como aquele que melhor traduz a resposta que Deus espera de nós na atual conjuntura. Lembro de novo, o cartãozinho vermelho que se levantava, teimoso, a cada votação da Assembléia. Ora, a CRB é de todos. Dentro de um *são* pluralismo, ela sabe que é preciso fazer uma opção de fundo, aquela expressa na prioridade do próximo triênio. Mas, a CRB não quer nem pode se esquecer de que ela é para *todos*.

5 — A palavra conclusiva desta saudação é de agradecimento. Primeiro, para com Deus, o doador de todo dom perfeito, pelo que Dele

recebemos nos últimos anos. Que Ele continue a firmar em nós o seu Espírito, a fim de podermos ser como Maria, fiéis a Deus e fiéis à missão que é a mesma de seu Filho, a quem seguimos.

De gratidão para com os que orientaram nossa caminhada: o Papa, especialmente presente através de sua carta, e de Mons. Vincenzo Fagiolo; os nossos Bispos tão fraternalmente unidos à Assembléia e a toda a caminhada da CRB; a Diretoria Nacional cessante, a Assessoria Nacional e as Presidências Regionais. Uma palavra particular de agradecimento ao Irmão Claudino Falchetto. Nesses 6 anos ele foi uma coluna para a CRB e para os Religiosos e Religiosas do Brasil. Fez o seu serviço com disponibilidade e firmeza. Mostrou-se em tudo atento, competente e corajoso. A CRB se alegra com o fato de ele ter sido eleito para o seu Conselho Superior. Como Provincial dos Irmãos Maristas (Belo Horizonte) continuará muito unido à marcha de sua Congregação e dos Religiosos. Que a "Boa Mãe", como esse filho de Champagnat nos ensinou

a chamar a Maria, o abençõe em sua vida e trabalhos futuros.

Outra palavra muito especial de gratidão cabe ao sem número de pessoas que acompanharam a Assembléia com suas orações. Nosso pensamento se volta aqui para *as contemplativas* e os contemplativos de todo o Brasil. Poucos deles puderam estar fisicamente conosco. Mas sentimos quase que papavelmente a força de sua oração por nós e conosco. A XV AGO desenvolveu-se em clima de tanta fraternidade e unidade que só pode ter sido sustentada pela oração escondida de muitos Religiosos e Religiosas em comunhão de oração. Agora que toda a Vida Religiosa brasileira se orientará com novo ardor, métodos e expressão para a Nova Evangelização, precisamos crescer em espírito, graça e idade. Mais que nunca a Vida Religiosa em nossa pátria precisará de ancorar-se na oração confiante de todos, muito especialmente na daqueles e daquelas que desde os mosteiros fazem da oração o seu grande serviço evangelizador. A eles e elas nossa gratidão. Permanecemos unidos na mesma vocação de seguir o Cristo para a Vida de muitos.

VIDA RELIGIOSA E NOVA EVANGELIZAÇÃO: PROPOSTAS A PARTIR DA AMÉRICA LATINA

Pe. Francisco Taborda S.J.

Em discurso pronunciado a 9 de março de 1983, em Porto Príncipe (Haiti), perante o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), João Paulo II lançou veemente apelo a que se realizasse uma Nova Evangelização (=NE) da América Latina. Desta forma, o Papa recordava e revalorizava o compromisso assumido em Medellín pelos bispos latino-americanos, de realizar uma NE do Continente (1). O Papa caracterizou esta NE como "nova em seu ardor, em seus métodos, em sua expressão" (2).

Num estudo mais amplo, publicado para esta Assembléia (3), poderá ser apreciada a fundamentação teológica das características que uma NE deve assumir no contexto homodierno da América Latina. Seguin-

do a sugestão do Papa, analisa-se ali o que significa a novidade no ardor, nos métodos e na expressão e descobre-se que essa tríplice novidade provém do fato de haver um novo sujeito histórico, o pobre considerado como empobrecido-sujeito-organizado, a exigir uma NE. Por isso, às três características assinaladas pelo Papa se faz preceder uma quarta a NE será "nova pelo sujeito".

Seguindo este esquema, o presente trabalho tratará de perguntar sobre como a Vida Religiosa (=VR) que se quer "por si mesma evangelizadora" (Puebla 721), terá de configurar-se para que se integre no projeto de uma NE.

Apesar da importância do papel pastoral da VR na América Latina (=AL), não se trata aqui de trabalhar uma metodologia pastoral para a NE, mas de perguntar como a VR pode ser de fato evangelizadora no contexto de uma NE. Não se supõe que ela o esteja sendo. Não por pessimismo, mas pela sincerida-

Palestra pronunciada na XV Assembléia Geral Ordinária da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB). São Paulo, 25 de julho de 1989.

de exigida por toda verdadeira conversão, que só pode partir do reconhecimento do próprio pecado (4).

E sem conversão — primeiramente do agente evangelizador — não há evangelização genuína.

1. VR NOVA PELO SUJEITO

A exigência de uma NE provém da circunstância de o pobre surgir neste momento histórico na América Latina como sujeito organizado ou em vias de organizar-se (5). Para integrar-se no projeto de NE, a VR deverá ser, pois, nova pelo sujeito; procurará estar presente ao *empobrecido-sujeito-organizado*.

Ao dizer “*empobrecido*” declara-se a necessidade de reconhecer no pobre o resultado de uma sociedade estruturada no pecado e na injustiça. Com a palavra “*sujeito*”, recorda-se que não se trata de os agentes externos (p. ex.: religiosos e religiosas) se substituírem aos pobres ou ensinarem o que estes devem fazer, mas de se colocarem do lado deles, deixando-lhes a condução do processo histórico e a decisão sobre as formas e os meios de levarem adiante sua causa. Como um deles, o agente externo procurará fornecer elementos de discernimento. Não impor soluções. O pobre é sujeito e ninguém poderá substituí-lo na tarefa de assumir sua responsabilidade histórica (6). Por fim, o termo “*organizado*” evoca a necessidade de adesão às lutas do povo nas instituições já existentes, em solidariedade com as causas justas.

Até agora talvez a VR, por um lado, se tenha voltado mais às elites, por outro, tratado o pobre antes como objeto e indivíduo do que como sujeito e grupo, exatamente por não compreendê-lo como resul-

tado das estruturas injustas da sociedade. Convém, no entanto, frisar que, apesar de tudo quanto a VR fez até hoje em cinco séculos de *evangelização das elites*, não conseguiu que estas criassem uma sociedade segundo o Evangelho e a justiça do Reino. As elites se incorporaram, sim, à Igreja, mas não tiraram as conseqüências do Evangelho para a vida social; mostraram-se incapazes de renunciar a seus privilégios em bem da justiça.

Espera-se, pois, agora, *do novo sujeito histórico*, os pobres, uma transformação da sociedade no sentido da justiça, já que experimentam na própria carne o que significa a injustiça estrutural que cria o pobre e o assassina lentamente. A NE se volta para eles na esperança de que — mesmo sem se incorporarem à Igreja — sejam instrumentos de Deus para que o pobre viva. O pobre ter espaço para viver humanamente, com seus direitos assegurados, em paz, significa aproximação do Reino, pois onde há relacionamento fraterno entre os seres humanos, Deus reina, mesmo que Ele não seja nomeado. “*Ubi caritas et amor, ibi Deus est*” (“onde há caridade e amor, aí está Deus”). Ora, a aproximação do Reino, mesmo fragmentariamente, é mais importante que o crescimento da Igreja que está a serviço do Reino e quer ser apenas seu sacramento.

Mas o pobre não é só o novo sujeito da VR no sentido de que religiosos e religiosas dele se aproximam e são por ele influenciados. A VR deverá ser nova pelo sujeito que a vive. Vale dizer, que procurará no meio dos pobres ou dos que assumem sua causa como própria (cf. Puebla, Mensagem aos Povos da AL, n. 3), as *vocações* que sejam capazes de transformá-la em vista da novidade da evangelização (7).

Dentre essas destacam-se as *vocações populares*. Desde há algum tempo se aborda com freqüência esse tema e as vocações populares ocupam a atenção dos responsáveis pela formação que perguntam como trabalhá-las e formá-las sem voltar a criar religiosos e religiosas considerados de segunda categoria, com nova separação de classes no interior das Ordens e Congregações.

Há inclusive os que rejeitam até a concepção de "vocações populares", alegando que a VR no Brasil nunca foi aristocrática, sempre foi de extração popular. Entretanto, conforme o modo de apreender o pobre, será a formação dos candidatos provenientes do meio popular. Enquanto tradicionalmente, pelo fato de não haver consciência da problemática estrutural da sociedade, simplesmente se dava aos candidatos a mesma formação, — em geral de moldes europeus —, no momento em que se toma consciência do pobre como sujeito organizado será preciso que a formação não desenraíze o candidato popular de suas origens sociais e culturais, da luta do povo.

O cuidado por não desenraizar *não significa*, no entanto, uma *formação superficial ou anti-intelectual*. Pelo contrário. Para justificar-se na sua novidade perante a expectativa dos religiosos antigos e da própria sociedade, e para responder às exigências históricas, a formação enraizada na cultura do povo será tanto mais profunda do ponto de vista espiritual e mais exigente do ponto de vista intelectual. O novo sujeito histórico não exige menos; exige bem mais da VR.

A formação dos jovens religiosos e religiosas provenientes de uma experiência de luta ao lado do povo terá que responder às exigências de consciência crítica, participação, contribuição pessoal à própria formação, para que não apague a rica experiência haurida por esses jovens na sua atuação anterior junto às classes populares.

Procurando que a VR se constitua por esse sujeito popular e engajado, mais facilmente a VR se encarnará no meio do povo (classe) e dos povos (nações) e será reconhecida por eles como parte sua. No contexto da NE a VR saberá se situar entre os pobres e frente ao diferente, para ser aí um sinal do Evangelho. Saberá esquecer-se de si para ressuscitar renovada. Inserção e inculturação são palavras de ordem (8). A VR não será um corpo estranho ao povo, mas uma de suas manifestações, como foram em outras épocas da história da VR no Brasil os ermitões e as beatas que tanto incentivaram o enraizamento do cristianismo no povo do interior (9).

Por outro lado, a VR não se constitui (nem no futuro se constituirá) só de "religiosos populares". Nem mesmo só de "religiosos popularizados", isto é, que, surgindo em outros meios sociais, partem para a inserção. Também há e continuará a haver a VR não inserida nos meios populares. Para uma NE importa que os não-inseridos encarnem efetivamente, em seu meio ambiente, a opção pelos pobres, assumindo a ótica do pobre e solidarizando-se, nas funções que exercem, com suas lutas por uma sociedade justa. Mas desfigurará o caráter evangelizador da VR a existência de religiosos insensíveis à sorte do pobre na feição que hoje lhe é própria, como empobrecido-sujeito-organizado.

2. VR NOVA PELO ARDOR

O religioso e a religiosa não são uma classe especial de cristãos. Nem mesmo por sua radicalidade. Todo e qualquer cristão poderá viver radicalmente seu cristianismo; na VR, porém, a radicalidade assume características específicas. Portanto, a nova espiritualidade será a *espiritualidade de todo cristão* tocado de misericórdia para com o empobrecido que transcende o imediato da miséria e do sofrimento, para reconhecer no rosto do pobre a presença do Senhor glorioso (10).

Apenas haverá *acentos diferentes* na espiritualidade da religiosa/religioso, acentos que provêm do que caracteriza a VR: a opção por viver a radicalidade cristã num estado de vida testemunhal, a experiência religiosa carismática do Fundador ou

O característico da novidade da VR quanto ao sujeito é o reconhecimento do novo sujeito histórico. Evidentemente surgirão tensões, quando a VR tentar configurar-se a partir do sujeito popular. Para mencionar apenas algumas: tensão entre a eficiência e os meios pobres, tensão entre a tradição de formação e os desafios da nova formação, tensão entre as origens (mais das vezes européia e em todo o caso ocidental) das Ordens e Congregações e a idiosincrasia étnica dos povos latino-americanos. Mas o novo sujeito aí está, como sinal dos tempos, apelo de Deus a todos os agentes de evangelização. Da resposta provirá a "novidade" que a evangelização assumirá para ser como Deus a quer, aqui e agora.

Fundadora frente a determinada necessidade da Igreja e da sociedade, a vinculação aos conselhos evangélicos por meio dos votos, a condição de membro de um grupo de pessoas animadas pelo mesmo ideal, a área de atuação específica onde cada religioso ou religiosa, Congregação ou Ordem exercem sua missão: educação, saúde, formação, contemplação, pastoral popular, missões "ad gentes", missões populares, pastoral paroquial...

A nova espiritualidade "*bebe do próprio poço*" (11), do poço da espiritualidade que anima o povo simples e sofrido de nosso Continente, com sua arraigada religiosidade e seu potencial evangelizador. Cada Ordem ou Congregação, ao tirar a água viva do Evangelho, do poço

de um povo que vive na simplicidade sua fé, acentuará evidentemente aqueles aspectos mais relacionados com o carisma e espiritualidade de suas origens. Gustavo Gutiérrez, ao explicitar a espiritualidade do povo pobre-sujeito-organizado, mostrou como essa espiritualidade estava em consonância com as grandes linhas da tradição espiritual cristã e até mesmo com determinadas correntes de espiritualidade, como a carmelita e a inaciana. Sendo o essencial da "nova espiritualidade" (sua novidade) a descoberta do empobrecido-sujeito-organizado como mediação do rosto de Deus, cada Ordem e Congregação saberá extrair da espiritualidade original novas conotações que outras épocas, devido aos limites de seus horizontes histórico-culturais, não puderam explicitar nem viver. A nós caberá descobrir também os limites da espiritualidade que para nós hoje será "nova".

A estrutura formal da espiritualidade da VR será hoje a mesma da espiritualidade que animou nossos Fundadores e Fundadoras: a experiência de Jesus Cristo no apelo lançado pelos irmãos. Esses foram, para os Fundadores em geral, primordialmente os pobres, vistos, no entanto, — como não podia deixar de ser — na perspectiva e no horizonte histórico do tempo em que viveram. Nessa experiência, a exemplo de Cristo e pela ação do Espírito do Senhor, souberam transcender para Deus, reconhecer no rosto do pobre o rosto do Ressuscitado ainda crucificado. A visão de pobre, sendo hoje diversa de então, trará novidade à vivência espiritual do religioso e da reli-

giosa que esteja atenta aos sinais dos tempos.

Para ser mais evangélica e ter força evangelizadora, a VR descobrirá hoje o papel insubstituível do empobrecido-sujeito-organizado como fonte da experiência espiritual fundante, ou seja: como fonte da descoberta de Jesus Cristo, o Senhor ressuscitado ainda crucificado em seus irmãos mais pequeninos. Vale dizer que a VR procurará no contato diuturno e no serviço despretensioso ao empobrecido-sujeito-organizado, na participação e no acompanhamento das lutas populares, a experiência forte para dar impulso à vivência espiritual dos religiosos e religiosas.

Na comunhão com o empobrecido-sujeito-organizado, a VR encontrará a presença luminosa do Senhor. Vislumbrará o Reino no seu cotidiano realizar-se, na morosidade do crescimento da semente (cf. Mc 4,26-29), na pequenez do grão de mostarda (cf. Mc 4,30-32), na invisibilidade da ação do fermento (cf. Mt 13,33), na conflitualidade das situações (cf. Mt 10,34-36). É a dimensão de transcendência que assume por vezes a força da fé-esperança de Abraão, "contra toda esperança" (Rm 4,18).

Tais perspectivas poderão parecer a alguns como expressão de uma opção pelo pobre que já não é mais preferencial, mas exclusiva. Exclusiva seria se tudo quanto foi dito não fosse visto como uma perspectiva. Todo ser humano, como finito e limitado, só pode ver a realidade, posicionar-se frente a ela e atuar sobre ela desde um ponto de vista, desde

um lugar. Se a "nova espiritualidade" reconhece a Cristo no rosto do empobrecido-sujeito-organizado, atuará em todos os âmbitos da sociedade, com todas as pessoas que lhe forem designadas em missão, desde o lugar e desde a perspectiva do empobrecido-sujeito-organizado.

A opção pelo pobre como perspectiva foi bem expressa pela Mensagem de Puebla aos Povos da AL, convocando "a todos, sem distinção de classes, a que aceitem e assumam a causa dos pobres, como se estivessem assumindo e aceitando sua própria causa, a própria causa de Jesus Cristo" (n. 3). É fundamenta o convite, citando Mt 25,40. Ora, a causa do pobre é hoje que ele se torne sujeito que se organize, como a Mensagem pouco antes dera a entender, aplicando ao povo latino-americano a palavra de Pedro ao paralítico da Bela Porta: "Em nome de Jesus Cristo Nazareno, *levantai-vos e andai*" (cf. At 3,6). O uso do plural é bem significativo: é o povo mesmo que precisa levantar-se e andar, ser sujeito e organizar-se (12).

Expressão essencial e característica de toda espiritualidade cristã é a *oração*. Mas a oração cristã não é desligada da realidade do dia-a-dia. Pelo contrário. Jesus rejeita os que simplesmente dizem

"Senhor, Senhor" e não praticam a vontade do Pai (cf. Mt 7,21). A oração cristã tem uma estrutura que enlaça intimamente a escuta da Palavra de Deus, o fazer sua vontade assim escutada e o dirigir a mente e o espírito a Deus para agradecer, pedir perdão, suplicar, sempre conforme a vontade de Deus tiver sido realizada ou não, encontrada ou não (13). A escuta da Palavra de Deus expressa a prioridade da graça. A realização da vontade assim escutada proclama que a salvação se dá na história. O pôr-se diante de Deus na humildade da ação de graças, do pedido de perdão, da súplica, traduz a atitude de reconhecimento frente a Deus como fonte de todo bem.

A nova espiritualidade ensinará a rezar de forma nova, buscando a vontade de Deus que se revela no rosto do pobre como empobrecido-sujeito-organizado (14). Pede, portanto, que se atue com esse pobre e junto a ele para realizar o projeto de Deus na história de hoje. Nos momentos fortes de escuta e celebração, indispensáveis a quem colabora conscientemente no projeto de Deus, novamente ecoarão as interpelações da realidade para serem objeto de discernimento (15). Trata-se de ser "contemplativo na libertação" (16).

3. VR NOVA PELOS MÉTODOS

"Método", etimologicamente, significa caminho. O caminho novo da evangelização só pode ser o velho caminho, sempre novo, do próprio Jesus. Ou melhor dito: Jesus

mesmo é o "método", porque ele é o caminho (cf. Jo 14,6). Ora, a característica fundamental do caminho de Jesus é que ele foi um processo histórico (17). Jesus apren-

deu a ouvir o Pai (obediência) através dos acontecimentos e tentações (sofrimento) (cf. Hb 5,8).

A VR tem, pois, que aprender de Jesus. Aprender a aprender, aprender a buscar a Deus no decorrer da história, sem se iludir, pensando tê-lo no bolso, sem querer encontrá-lo na mera cópia do passado. A fidelidade a Deus se dá na história e frente à história. E esta é mutável, corre, voa...

a. O processo histórico: *fidelidade criadora*

Há três modelos de fidelidade a Jesus Cristo e a nossos Fundadores e Fundadoras que cumpre agora analisar para discernir o correto. Todos os três falam da relação entre o passado *a que* se quer ser fiel e o hoje *no qual* se quer ser fiel (18).

O primeiro modelo é o da *fidelidade linear*. Para se manter fidelidade à origem e, portanto, viver hoje o Evangelho de Jesus interpretado pelo Fundador ou Fundadora, bastaria transpor o passado ao presente. Copiar literalmente o que se fez então, sem levar em consideração a evolução histórica acontecida ou — quando muito — retocando alguns pormenores secundários.

Assim, se a Fundadora expressou seu amor preferencial pelos pobres construindo grandes hospitais para o atendimento de sua saúde, as religiosas hoje farão o mesmo, embora a estrutura moderna de um hospital não ofereça condições de estar aberto aos pobres que mais

necessitam, nem permita dispensar-lhes o carinho e o trato personalizado mostrados pela Fundadora. Outro exemplo: a educação da juventude abandonada levou o Fundador a empenhar-se por construir grandes escolas, onde educar os pobres; seus discípulos continuarão hoje a erguer imensos colégios, embora a estrutura de um colégio hoje acarrete necessariamente fechar suas portas aos pobres ou extraí-los de sua classe social e mundo ambiente. Ou ainda, o Fundador viu a importância de educar as classes dirigentes, na convicção de que, convertendo-as a uma vivência profunda do Evangelho, transformaria a sociedade no sentido do plano de Deus. Depois de seguir por séculos essa tática, já se poderia ter concluído que não leva ao que o Fundador pretendia. A fidelidade linear ao passado acaba em traição. Em vez de evangelizar, seqüestra-se Deus mais uma vez para os poderosos. E o que é pior, faz-se em nome de Cristo.

O segundo modelo é o *progressista linear*. Renega-se a origem como ultrapassada e absolutiza-se o hoje como único critério. A origem é extrínseca ao que se faz hoje. Quem dita o modo de agir, é exclusivamente a moda.

Foi uma atitude muito comum no imediato pós-Concílio, quando a reconciliação com o mundo moderno parecia significar a aceitação acrítica de todas as "conquistas" da tecnologia e das ciências humanas (psicologia, psicanálise). Pensava-se ser preciso ter tudo o que havia de mais moderno ou fazer tudo o que se considerava mo-

derno, para acompanhar o progresso. É o que se manifestava, por exemplo, na VR nas pequenas comunidades estilo burguês. Os religiosos abandonam os grandes conventos e sua forma de vida semi-monacal para viverem em confortáveis apartamentos no centro ou em bairros elegantes, com decoração primorosa e toda aparelhagem que significava progresso da técnica. Permitem-se liberdades no âmbito afetivo (a chamada "terceira via") em nome da sanidade psicológica ou de teorias psicanalíticas mais ou menos simplificadas e vulgarizadas. Dispendem-se horas e horas num uso acrítico da televisão, com a desculpa de ter que estar a par do que se conversa entre o comum dos mortais. De fidelidade há muito pouco; o que vale é o progresso. Domestica-se o Evangelho e, portanto, a VR, de acordo com o chamado "mundo moderno". A VR se torna inofensiva e inócua, porque perde sua força de sal: em vez de dar sabor à época, quer receber desta seu sabor.

O terceiro modelo é o da *fidelidade criadora*. Trata-se de tomar tão a sério a origem que se está convencido de que ela ainda tem muito a dizer ao hoje. Mas só no respeito à origem e ao hoje se pode reconhecer o que o passado aporta ao presente. Em outras palavras, trata-se de estabelecer entre a origem e o hoje não uma identidade, pois os tempos mudaram, mas uma proporcionalidade. O modo de agir de Jesus em *seu* tempo é inspirador para o modo de atuar nosso, em *nosso* tempo. Como os tempos mudaram não se pode simples-

mente transpor o modo de agir. É preciso entender o que ele significou naquela época, para saber o que fazer hoje. O resultado pode ser bem diferente ou, na aparência, até oposto. Em outras palavras: não se trata de "imitar" a Jesus ou tomá-lo como "modelo", mas de *segui-lo*. O seguimento supõe a ação do Espírito Criador: saber ler a letra da história no Espírito de Jesus. O mesmo vale dos nossos tempos em relação à época dos Fundadores.

Retomando os exemplos dados no primeiro modelo. Pode ser que hoje a religiosa seja mais fiel à intenção da Fundadora renunciando a construir hospitais para os pobres e dedicando-se à medicina popular e/ou preventiva inserida entre os pobres. Ou ainda incentivando-os a exigirem seus direitos a uma previdência social que funcione e não discrimine. O educador do menor abandonado descobrirá talvez que a intenção do Fundador é melhor seguida no contato diturno com os menores no próprio ambiente em que vivem, na rua mesma, ou em pequenas escolas públicas de periferia, do que em organizadíssimos orfanatos ou em escolas só teoricamente abertas aos (mais) pobres. Ou descobrirá que a classe social que levará à frente uma mudança social de acordo ou em desacordo com o Evangelho, são as classes populares e que, portanto, a elas convém dedicar prioritariamente seu esforço educacional. É que a situação social mudou, como também a percepção da realidade social e da solução dos problemas conexos. A visão das clas-

ses populares como sujeito de seu processo de libertação modifica profundamente a atuação para o bem dos pobres em qualquer campo, seja saúde, educação ou qualquer outro.

Tal fidelidade criadora é profundamente fiel ao espírito e à letra do agir de Jesus. Ele não segue cegamente a tradição, mas a critica a partir da fidelidade ao que o Pai exige pelo rosto do pobre. Por isso repreende os fariseus que não sabem ler os sinais dos tempos: "Por que não julgais por vós mesmos o que é justo?" (Lc 12,51). Se examinarmos bem, foi, consciente ou inconscientemente, o caminho seguido por nossos Fundadores e Fundadoras. Por isso mesmo, João Paulo II, falando aos padres e religiosos em Caracas, recordará a partir do exemplo de Maria: "Na Virgem do Magnificat há duas fidelidades estupendas que marcam também a vossa vocação: uma fidelidade a Deus, a seu projeto de amor misericordioso, e uma fidelidade a seu povo. Sede também vós fiéis a Deus e a seu projeto. Sede fiéis a vosso povo" (19). Nisso fazia recordar as quatro fidelidades que o documento da Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares sobre "Religiosos e promoção humana" tomava como critério da atuação dos religiosos e religiosas na sociedade: fidelidade ao homem e a nosso tempo; fidelidade a Cristo e ao Evangelho; fidelidade à Igreja e sua missão no mundo; fidelidade à VR é ao carisma próprio do Instituto (20). Todas elas se entrelaçam, quando consideradas não isoladamente, numa como soma de

fidelidades, mas dialeticamente no seu relacionamento mútuo, do que resulta uma fidelidade criadora.

A fidelidade criadora exige que se entenda a vida humana e, portanto, a vida do cristão e do religioso como um *processo histórico*. Não se pode querer algo pronto, definitivo, como seria tão cômodo para nós. Trata-se de, como Jesus, entregar-se totalmente aos caminhos de Deus, atentos ao que ele fala na história, através de todo acontecimento, de todo encontro com as pessoas. Escutar a realidade para poder escutar a Deus.

b. *A VR e as opções pastorais da NE*

O método pastoral de Jesus poderia ser caracterizado por quatro elementos: o lugar social, a pedagogia crítica, ativa, questionadora, o anúncio do Evangelho, a solidariedade com os últimos (21). Estes serão também os elementos orientadores para a VR que no seguimento de Jesus se queira distinguir como evangélica e evangelizadora em nossa situação atual de AL.

O primeiro é a *mudança de lugar social* para assumir o lugar escolhido por Deus para a encarnação do Verbo, encarnação quenótica, de esvaziamento, assumindo a forma de escravo, isto é, do último da sociedade.

Para a VR hoje a mudança de lugar social se traduz na *inserção nos meios populares* que Puebla qualifica como "a tendência mais notável da VR latino-americana" (Puebla 733) (22). Os dez anos que

nos separam da III Conferência Episcopal Latino-Americana, já exigem um aprofundamento da prática da inserção.

Um dos aspectos é que a inserção é também *inculturação na cultura popular*, em suas diversas facetas (cultura rural, cultura indígena, cultura cabocla, cultura operária, cultura dos lumpen, cultura do trabalho manual...) (23).

Um imenso trabalho tem que ser feito para superar o preconceito reinante, a partir da cultura dominante, contra as diversas formas de cultura popular. Elas são consideradas inferiores, se é que merecem o nome de cultura. Considera-se cultura apenas a cultura ilustrada, com sua origem na cultura européia. Com toda naturalidade se considera que os de outras culturas devem ser levados aos usos e costumes da cultura dominante. Essa mentalidade está bem presente também na VR.

A religiosa, o religioso que buscam, dentro da lógica da inserção, inculturar-se na cultura dominada (24), remam contra a maré. Sua pretensão é considerada loucura. Por isso mesmo é preciso aprofundar a necessidade pastoral da inculturação, a problemática antropológica da cultura e a fundamentação teológica da inculturação.

Outro aspecto da inserção a ser aprofundado é a relação entre *inserção e trabalho operário*. Trata-se de tomar muito mais a sério que a atual civilização é a civilização do trabalho — e trabalho operário —, e perguntar-se que significa isso

para a VR que é chamada a inserir-se no meio do povo empobrecido-sujeito-organizado (25). A forma atual de pobreza não seria, antes de tudo, assumir o trabalho operário? Em todo o caso, o trabalho manual foi a forma concreta da pobreza de Jesus (cf. Mc 6,3) e de Paulo (cf. At 18,3; 1 Cor 4,12; 1 Ts 2,9; 2 Ts 3,8-10).

Evidentemente há entre a época de ambos e a atualidade um abismo, pois a realidade do trabalho manual de então era totalmente diferente da de hoje. Mas vale também aqui a proporcionalidade. Hoje possivelmente a forma mais fiel da pobreza seria a de ganhar o sustento com o trabalho operário, com tudo o que isso significa de falta de segurança, de insuficiência de meios, de carga pesada, de participação no sindicato (26)...

Não significa que toda religiosa, todo religioso tenham que seguir esse caminho do trabalho operário, mas seria enriquecedor para a experiência comunitária inserida na periferia das cidades, se um dos membros vivesse como operário e pudesse ajudar os demais a entender o que isso significa e fornecer assim elementos que possibilitem evangelizar desde de dentro a classe operária (27).

Um ulterior aspecto a aprofundar no tocante ao lugar social da VR é a explicitação do que significa a afirmação da VR como "*vanguarda evangelizadora*" e que conseqüências concretas traz hoje consigo. Jon Sobrino soube sintetizar de forma muito feliz o lugar da VR

com três metáforas geográficas: o religioso, a religiosa estarão no *deserto, na periferia, na fronteira*. E explica: "Por 'deserto' entendemos que o religioso está ali onde de fato ninguém está; como foi o caso ao longo da história na presença dos religiosos em hospitais, escolas ou modernamente em paróquias não atendidas. Por 'periferia' entendemos que o religioso está não no centro do poder, mas ali onde não há poder, mas impotência. Por 'fronteira' entendemos que o religioso está ali onde há mais o que experimentar, segundo a necessária imaginação e criatividade cristã; onde maior possa ser o risco; onde mais necessária for a atividade profética para sacudir a inércia em que se vai petrificando a Igreja em sua totalidade ou para denunciar com mais energia o pecado" (28).

Esse lugar foi sempre, através da história, o lugar da VR. Foi nesses lugares que a VR surgiu nos momentos-chave de sua história: os eremitas e cenobitas na origem mesma da VR foram literalmente para o deserto que era também periferia e fronteira; na Idade Média os mendicantes reformularam a VR desde a periferia, junto dos pobres; a Idade Moderna fez surgirem as ordens clericais que se fortaleceram ao buscar as fronteiras do novo mundo que passou então a ser conhecido da cristandade. E assim continua. Apenas muda o sentido de deserto, periferia e fronteira, conforme a época histórica. Mas lá continua a ser o lugar da VR.

Ora, *deserto, periferia e fronteira* são lugar de perigo. Ir para lá im-

plica riscos. Risco significa possibilidade de errar, de ir longe demais, de exagerar. Mas sem risco também não se avança. Conforme os tempos o risco pode ser a única coisa segura. Nesse sentido Karl Rahner incentivava ao "tuciorismo da ousadia", isto é, considerava que nos tempos atuais o mais seguro (tuciorismo), é ousar o novo, arriscar-se no novo! Se a VR for fiel a sua vocação ao deserto, à periferia e à fronteira, deve contar com a incompreensão dos que constituem a ordem estabelecida, mesmo dentro da Igreja. E experimentará também a perseguição por parte dos poderes públicos que defendem um "status quo" iníquo.

O segundo elemento da prática evangelizadora de Jesus é a *pedagogia crítica, ativa, questionadora*. Aqui não se trata de explicitá-la no sentido da ação pastoral dos religiosos e das religiosas. A pergunta é como a VR por sua vivência mesma pode ser evangelizadora. Para tanto, a mencionada pedagogia estará presente *no interior mesmo da vida comunitária*.

Consciência crítica, participação, atuação como sujeito são alguns dos aspectos que resultam daí para a vida comunitária. Isso toca diretamente a forma de compreender e viver a obediência tanto no seu aspecto ativo (a forma de exercê-la) como no seu aspecto "passivo" (a forma de submeter-se à obediência). Este tema já foi objeto de reflexão em anterior Assembléia Geral da CRB, a XIII AGO (29). Não há necessidade de repetir o que foi amplamente dito e repetido na ocasião.

Mas a consciência crítica, o espírito de participação, a acuidade para questionar não se reduzem ao interior da vida comunitária, inclusive porque não é possível alguém exercer essas qualidades só "ad intra" e não "ad extra", frente aos problemas da sociedade e da Igreja. Como, vice-versa, educando-se para a atitude crítica e participativa na sociedade, será impossível que a mesma não se atualize no momento em que se trata da vida interna da Igreja e da Ordem ou Congregação. Pelo contrário, se a transparência que nas verdadeiras democracias se exige hoje dos homens públicos e das mulheres que se dedicam à política, não estiver presente no interior da VR e da Igreja, será impossível suportar, sem protesto e distanciamento crítico, as estruturas religiosas e eclesiais que permitem tal procedimento.

Para ser evangelizadora no mundo atual, a VR — e nela concretamente cada religioso e cada religiosa — terão de enfrentar em sua própria vida pessoal os *desafios atuais*, as grandes questões modernas. A VR não será evangelizadora se o religioso, a religiosa não procuram estar a par do que acontece no mundo da política, da economia, da técnica... Assim o religioso, a religiosa não podem estar alheios ao desafio da dívida externa (30). A leitura crítica da comunicação tem que ser prática habitual do religioso, da religiosa, em sua vida pessoal (e evidentemente também em sua atuação pastoral) (31). Será preciso atitude crítica frente ao sistema econômico-político-social vigente. O acelerado

processo de urbanização, com tantas conseqüências para a prática evangelizadora da Igreja, não pode ser ignorado pelo religioso/religiosa que continuaria a viver, como no tempo em que a maioria da população brasileira vivia no campo e pensava num horizonte rural.

São apenas alguns exemplos. O que deve ficar claro e estar sempre presente é que seria pecado se a VR, possuindo por vocação divina uma missão evangelizadora que constitui sua própria identidade, se fechasse à realidade e não procurasse acompanhar com espírito crítico a evolução dos acontecimentos. Pois esse mundo — goste-se ou não — é aquele perante o qual cabe à VR testemunhar os valores evangélicos.

Se o religioso, a religiosa têm que cultivar a consciência crítica e ter uma atitude participativa e questionadora frente à realidade envolvente fora e dentro de VR e da Igreja, essa atitude será *incentivada no tempo da formação*. Pode acontecer que o ambiente cultural de que provêm certas vocações (determinados ambientes do meio rural, camadas menos secularizadas da classe média, pessoas influenciadas pelo movimento carismático), não lhes tenha possibilitado adquirir antes de entrar na VR esse espírito crítico, ativo. Despertá-lo será tarefa indispensável no tempo da formação.

O que se tem em vista, é não só a capacidade de dialogar com o mundo atual, formado pelos "mestres da suspeita", mas possibilitar que a própria VR seja de fato evangelizadora, testemunhando frente

aos homens e mulheres da sociedade moderna que a entrega a Cristo não impede o uso da razão crítica, antes o libera. Aliás, a capacidade de crítica frente à realidade está à raiz do profetismo que deveria assinalar a VR (32).

O terceiro elemento da prática pastoral de Jesus foi designado acima simplesmente como *anunciar o Evangelho* (33). Vale dizer: a VR terá transparência para mostrar por suas práticas que Deus tem uma preferência para com os pobres, por serem pobres, injustiçados, sofredores, marginalizados. Ela se apresentará como sinal de que Deus ama o pobre com predileção, expressando-o na solidariedade: dar tudo *pelos* pobres e não apenas *aos* pobres. Trata-se de que a VR *anuncie o Evangelho pelo próprio modo de viver*, pelo estilo das comuni-

dades, pelo relacionamento interno entre os membros da comunidade, como também a nível de Província e Congregação. Entra aqui o estilo de vida simples, modesto, austero, que vai ao essencial e com ele se contenta. Não só na vida pessoal; também na moradia, nas roupas, nas férias, na alimentação, nas construções, nas estruturas, na localização das casas, residências, colégios, hospitais... (cf. abaixo 4a).

Com isso já chegamos ao quarto elemento, a *solidariedade com os últimos*, a ser expressa com a totalidade da vida de religiosos e religiosas e chegar mesmo ao sacrifício supremo, aceitando a cruz do Senhor em solidariedade com os que dia-a-dia são "crucificados pela injustiça" (cf. Puebla 743).

4. VR NOVA POR SUA EXPRESSÃO

A questão que se põe agora é como a VR mostrará efetivamente, eloqüentemente, na própria vivência do dia-a-dia, o Evangelho de Jesus como Evangelho dos pobres. Muitos fundadores deram exemplo claro dessa atitude. Resta descobrirmos como esse mesmo testemunho se manifestará hoje, frente à novidade da situação, compreendendo o pobre, predileto de Deus, como empobrecido-sujeito-organizado.

a. VR nova por sua expressão no mundo dos pobres

A *pobreza ascética*, tradicional, que consiste em viver com simpli-

cidade, sem posses, embora em construções imponentes e gigantescas, é — convenha-se — pouco convincente. A aparência opulenta não permitirá que o sinal se torne eloqüente. Já se pode observar a atitude de jovens que desistem da VR por não verem nela um testemunho suficientemente claro do Evangelho. A alternativa para a VR hoje será ou a pobreza vivida histórica e socialmente, ou o serviço muito concreto à causa do pobre.

No primeiro caso está a *inserção*. É a forma atual mais gritante de evangelizar numa sociedade de classes. A religiosa, o religioso vão

aô encontro do pobre, lá onde ele está nos bairros periféricos, no campo, no sertão, na selva... Procuram viver com ele, descobrir seus valores, inculturar-se no ambiente que talvez lhes seja estranho, ajudá-lo a descobrir-se como gente, como sujeito da história, incentivá-lo a se organizar.

Já a mera mudança de lugar geográfico é para todos que tomam conhecimento desse fato, um testemunho de que Deus ama preferencialmente o pobre. Um testemunho que se torna condição propícia à evangelização dos pobres com quem se convive, e também das classes superiores que se abandonaram, sacudindo a poeira das sandálias (cf. Mt 10,14). Por sua vez a religiosa (o religioso) receberá do pobre o testemunho do Evangelho já vivido na solidariedade, na ajuda mútua, na hospitalidade, no mutirão, na partilha do pouco que tem, na religiosidade singela, descomplicada, na fé e confiança no Senhor. Desta forma verificará quão pouco evangélica pode ter sido sua forma de vida anterior, na proteção dos altos muros de seus conventos (34).

Embora seja uma forma eminentemente atual de viver a VR hoje na América Latina, a inserção não é a única expressão do caráter evangelizador da VR. O pobre dos bairros populares, do campo, do sertão, pode ser um pobre "útil" para a ação transformadora da realidade. O testemunho evangélico da VR se traduz também na dedicação ao "pobre inútil", seja àquele que normalmente se pensa incapaz de atuar na sociedade (o paraplégico, o cego...), seja àquele com

quem jamais se poderá contar para uma transformação da sociedade (o louco, o doente terminal, o ancião caduco...) (35).

A dedicação a esse pobre foi muitas vezes a maneira que o Fundador ou a Fundadora encontraram para concretizar em sua época, o amor preferencial pelo pobre. Este serviço está assim ligado ao carisma de muitas congregações, como forma tradicional de vivê-lo e expressá-lo. É hoje ainda um testemunho evangélico gritante. Quando a sociedade dominante mede a todas as pessoas por sua produtividade e qualifica as ações pela eficiência, dedicar toda uma vida ao incapaz irrecuperável, ao doente mental, ao enfermo terminal, é um anúncio do valor do ser humano enquanto ser humano e não por aquilo que ele produz, e uma denúncia à sociedade que os esconde, marginaliza e despreza.

Importa que esse serviço ao pobre seja repensado também em suas conseqüências e repercussões na sociedade: que se torne também uma denúncia às estruturas sociais que criam tais pobres ou que tornam mais pesada e sem perspectiva sua situação; que seja mais vivamente um grito contra a ideologia da eficiência, contra a mentalidade de que a pessoa vale pelo que produz ou por sua beleza física.

O trabalho com a primeira categoria de "pobres inúteis" — os "inúteis" que na realidade apenas não descobriram sua "utilidade", sua capacidade de lutar por um mundo melhor —, pode ser oportunidade para conscientizá-los no

sentido da importância de sua participação como sujeito no processo libertador de toda a sociedade. Reconhecendo que muito de sua doença e de sua situação é proveniente da estrutura injusta da sociedade, poderão ser um testemunho vivo da necessidade de mudança.

A VR pode ainda ser evangelizadora pelo testemunho de *dedicação à causa das classes populares embora vivamos em nossas tradicionais habitações*, com o seu conforto relativo ou real. Dedicção significa evidentemente uma determinada prática de apoio à causa popular, não apenas a simpatia ou a boa intenção. Essa prática se pode realizar em muitos níveis. O trabalho intelectual, a formação da consciência crítica, a atitude lúcida frente aos movimentos e às correntes de Igreja, o apoio e eventualmente assessoria aos movimentos populares são algumas dessas formas de mostrar, por ações, a preferência de Deus pelos pobres, por parte daqueles que se consagram a Deus e, por isso — por indignos que sejam —, são vistos como símbolos do que é cristão e evangélico.

Para que a VR seja em si mesma evangelizadora, ela deverá *revisar suas solidariedades*. Essa revisão não significa necessariamente abandonar a atuação entre membros de outras classes sociais, mas também aí ser testemunha do Evangelho: o Reino de Deus é dos pobres. Encontraremos entre essas pessoas de classes superiores os Nicodemos (cf. Jo 3,1ss; 19,39), Zaqueus (cf. Lc 19,1-10), Josés de Arimatéia (cf. Mc 15,42s), Barna-

bés (cf. At 4,36s) da vida. Mas talvez encontremos mais frequentemente os que assumem a atitude do "jovem rico" (cf. Mt 19,16-22) e preferem retirar-se tristes, porque o Evangelho não foi "boa notícia" para eles. E haverá também aqueles que nem sequer aceitarão ouvir que Deus prefere os pobres simplesmente por serem pobres, e passarão a perseguir os religiosos e religiosas que dêem testemunho disso. Aliás, antes de perseguir os religiosos, eles já oprimiam os pobres, preferidos de Deus.

b. VR nova por sua expressão nas diversas culturas

Para ser por si mesma evangelizadora em meio à diversidade de culturas, a VR terá de saber assumir as diferentes culturas (36). Tarefa nada fácil, se se considera a complexidade do panorama cultural da AL e mesmo de nosso país que às vezes nos pode parecer tão homogêneo. Neste contexto vale explicitar o fundamento teológico da inculturação.

A *inculturação* é inspirada frequentemente pelo exemplo da *encarnação do Verbo*. Teologicamente a encarnação não é só o fato de o Verbo de Deus, igual ao Pai, ter assumido uma natureza humana. A encarnação tem que ser considerada historicamente: o Verbo assumiu *essa natureza humana concreta*, pertenceu a uma classe social (os pobres), dentro de uma determinada cultura (olhada com desprezo pelos gregos), num momento histórico limitado (sob a dominação romana), num espaço geográ-

fico bem restrito. Em resumo: o Verbo de Deus feito homem não tomou a atitude de quem domina, mas de quem serve. A encarnação significou o despojamento de toda dominação. É o que se designa em teologia como *encarnação quenótica* (cf. Fl 2,6-11), a partir da palavra grega "kénosis" que significa esvaziamento, despojamento.

A inculturação é essa atitude de despojamento que permite ao evangelizador falar da encarnação. Quem viesse com atitude de dominador, não teria autoridade para falar da boa nova da encarnação quenótica do Filho de Deus. Ora, o esvaziamento do Verbo consistiu em ter ele assumido a *condição do Servo de Javé* descrito nos cânticos do Dêutero-Isaías (37).

O Servo é aquele que não quer dominar: "Ele não clamará, não levantará a voz" (Is 42,2); cf. Mt 12,18ss). Sua missão é descobrir vida e incentivá-la, onde parece quase não haver: "não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega" (v. 3). O Servo se "esvazia" para que o outro cresça, receba plenitude, descubra a semente de vida que está nele (primeiro cântico). Essa capacidade o Servo não a tem de si, mas de Javé que o escolheu e em quem põe sua confiança (segundo cântico). Daí sua capacidade de transmitir a palavra de Javé, como um discípulo que se põe constantemente a ouvir a Javé, mesmo que isso lhe custe perseguição (terceiro cântico). O Servo aprende assim a se esvaziar de si para que o outro cresça e para que Javé o conduza. Por isso chega a dar a vida em solida-

riedade com os fracos: "Eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava" (Is 53,4; cf. Mt 8,17). E essa solidariedade até a morte já é presença de salvação: "por suas feridas fomos curados" (v. 5; cf. 1 Pd 2,24) (quarto cântico).

Para que a VR seja "por si mesma evangelizadora", a atitude do religioso, da religiosa frente à cultura diferente, será a do Servo de Javé: confiando em Deus, ouvir como discípulo o que Deus quer dizer na (talvez aparente) insignificância dessa cultura e assumi-la, para neste despojamento anunciar o Evangelho de que o Reino pertence aos pequenos. Essa atitude é quenótica porque supõe que o religioso, a religiosa se desfaçam de seus preconceitos culturais para acolher o outro assim como ele é, como "cana rachada" ou "mecha que ainda (apenas) fumega". E quem sabe descobrirá que as aparências enganam e a cana é mais forte do que parecia, e por baixo das cinzas colocadas pela cultura dominante ou planetária havia muita capacidade de incendiar. O resultado do esvaziamento é a exaltação por parte de Deus (cf. Fl 2,9). Também a VR que "morre" para assumir a cultura diferente, ressuscitará numa vivência mais autêntica do Evangelho: mais flexível, mais pobre, menos estruturada, mais autóctone, mais ecumênica.

Mas, para ser realmente evangelizadora, a própria VR como instituição deverá "esvaziar-se" (e não só os religiosos como pessoas). Significará, por exemplo, diversificar a forma de sustento econômico e o

modo de viver a pobreza (conforme o sistema adaptativo da cultura em que se encarne) a maneira de viver e entender a obediência e a vida comunitária (segundo as características do sistema associativo da cultura em questão); o modo de explicitar o carisma e a espiritualidade (de acordo com o sistema hermenêutico próprio do povo em que se inculture) (38).

Uma questão especial que suscita a proposta de inculturação é *a cultura da modernidade* (39).

A opção pelos pobres e o respeito a sua cultura não podem ignorar uma outra face da AL que é o forte impacto da modernidade como realidade cultural. Ela não pode ser esquecida, porque é um fenômeno irreversível. Apresenta uma série de fatores positivos como o anseio por práticas democráticas, a estima da liberdade, a afirmação da autonomia da realidade criada, o pluralismo de mundividências, a concepção de ciência, o progresso tecnológico... Entretanto, ela traz também consigo fatores deletérios para a humanidade, como o fechamento para a transcendência, o individualismo exacerbado, a dicotomia entre os diversos âmbitos da realidade, o caráter fragmentário do conhecimento humano...

A presença da modernidade na AL tem duas vertentes. Por um lado, ela influencia de modo difuso o conjunto da população, atuando sobre a configuração sócio-político-econômica do Continente. Muitos dos problemas que afligem os pobres, trazem as marcas da modernidade. As visões de mundo que os

bombardeiam dia a dia, inclusive no mais recôndito interior, através do rádio e da televisão, são mundividências modernas. Por outro lado, há estratos da sociedade em que a modernidade cultural penetrou profundamente, pois é ela que forma a mentalidade das camadas ilustradas minoritárias da população.

Para a VR fica a pergunta sobre como ser evangelizadora nestes ambientes. Por um lado, será a partir do pobre, que, enquanto empobrecido-sujeito-organizado, é fruto da cultura moderno-contemporânea; por outro, será preciso conhecer por dentro essa cultura para influenciar sobre ela. Os religiosos e religiosas, provenientes em geral de um ambiente que não vive essa cultura, mas a vivencia só através de sua influência, sentem dificuldade para responder ao desafio. Evidentemente não se trata de "encarnar-se" nessa cultura, pois seria a negação do processo quenótico, já que a cultura moderna, tal como se apresenta até o presente, é essencialmente dominadora. Mas a questão não pode ser simplesmente escamoteada.

A resposta evangelizadora da VR terá de ser *de cunho profético* a partir dos pobres e através deles (40). Por um lado, consistirá em recuperar, a partir da cultura popular valores esquecidos, perdidos e até calcados aos pés pela modernidade. A abertura ao outro que é o pobre, revelará o que significa convivência, serviço, sentido comunitário, valores que a modernidade não é mais capaz de reconhecer e produzir. Mas, por outro lado, a própria abertura ao pobre já será

sinal de rompimento com a egolatria da modernidade, baseada na vontade de domínio e poderio (41).

Quem não tem sensibilidade para com o pobre, está fechado à mensagem evangélica. Por aí deverão ser questionados criticamente os ambientes secularizados, pluralistas, agnósticos, indiferentes... Ou mesmo, simplesmente, os ambientes de cultura ilustrada (universitários, profissionais liberais, políticos...). Questionados pela VR não só enquanto agente de pastoral, mas já enquanto *forma de vida*.

Estas considerações visavam explicitar quê Espírito deve impregnar e impulsionar a VR para que corresponda ao apelo do momento

histórico por uma NE. Depois do que se disse, é preciso reconhecer que é o Espírito de Cristo, único capaz de nos revelar as profundezas de Deus, seu desígnio é sabedoria (cf. 1 Co 2,10). Os "judeus" de hoje continuarão a buscar sinais, manifestações de eficiência, força e poder humanos; os "gregos" de hoje seguirão à cata de sabedoria, conchavos e alianças com os poderes constituídos. Mas a NE só poderá ser nova, pregando a Cristo crucificado, feito solidário até a morte com os pobres e marginalizados. Escândalo para os "judeus" de hoje e de todos os tempos loucura para os "gregos" de ontem e de hoje (cf. 1 Co 1,22-24).

NOTAS

(1) Cf. AAS 75 (1983) 771-779. Cf. II CELAM de Medellín: "Mensagem aos Povos da América Latina". CELAM: **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Petrópolis: Vozes, 1970, 36-40; aqui: 39. (2) AAS 75 (1983) 778. Cf. o discurso em Salto (Uruguai), de 12/10/84: **L'Osservatore Romano** (ed. port.), ano XV, n. 776, de 14/10/84, pp. 1, 2 e 16. (3) Cf. Francisco TABORDA: "Nova Evangelização e Vida Religiosa. Reflexões teológicas". **"Nova evangelização e Vida Religiosa no Brasil"**. Rio de Janeiro: CRB, 1989, 51-171. (4) Sobre a importância do reconhecimento do pecado para uma teologia da VR, cf. Jon SOBRINO: **La vida religiosa a partir de la Congregación General XXXII de la Compañía de Jesús**. (Diakonía — Suplemento n. 1). Panamá: CICA, 1978; aqui: 11-19. Francisco TABORDA: "Para uma teologia da vida religiosa. A contribuição da XXXIII Congregação Geral da Companhia de Jesus". **Convergência** 19 (1984) 267-283; aqui: 268-270. (5) Para fundamentar esta afirmação, cf. Francisco TABORDA: ob. cit. na nota 3.

(6) Cf. Paulo FREIRE: **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. (7) Cf. Clodovis BOFF: "Formação nas comunidades inseridas". Clodovis BOFF — Rogério Ignácio de Almeida CUNHA: **Inserção — Formação — Trabalho**. Rio: CRB, 1987, 13-28. Víctor CODINA — Santiago RAMÍREZ: **Espiritualidad del compromiso con los pobres**. Bogotá: CLAR, 1988, 137-141. (8) Cf. Francisco TABORDA: **Da Inserção à inculturação: considerações teológicas sobre a força evangelizadora da Vida Religiosa inserida no meio do povo**. Rio: CRB, 1988. (9) Cf. Riolando AZZI (org.): **A Vida Religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983. (10) Cf. Francisco TABORDA: ob. cit. na nota 3, cap. III, 3, p. 114ss. (11) Cf. Gustavo GUTIERREZ: **Beber no próprio poço: itinerário espiritual de um povo** (tr. br.). Petrópolis: Vozes, 1985. A expressão "beber no próprio poço" que Gutierrez tomou de São Bernardo e fez usual na AL, provém de Pr 5,15. No contexto refere-se à fidelidade conjugal e adverte ao marido a que se mantenha fiel, bebendo do próprio poço (sua esposa). A retomada da expressão por Gutiérrez

para referir-se ao poço da espiritualidade popular latino-americana é bem feliz, pois sugere que somos "casados" com nossa cultura e a ela devemos ser fiéis. — Sobre a espiritualidade na AL, veja-se também Víctor CODINA — Santiago RAMÍREZ: **ob. cit.** na nota 7. Jon SOBRINO: **Liberación con Espíritu**: apuntes para una nueva espiritualidad. San Salvador (El Salvador): UCA, 1987. (12) Cf. Frei BETTO: **Diário de Puebla**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, 116. Francisco TABORDA: "'Mensagem aos Povos da América Latina': tentativa de interpretação". **Persp. Teol.** 11 (1979) 76-82. (13) Cf. Jon SOBRINO: **A oração de Jesus e do cristão** (tr. br.). São Paulo: Loyola, 1981. (14) A propósito convém recordar um inspirado trecho do texto provisório aprovado em Puebla (São Paulo: Paulinas, 1979, n. 740, p. 268s) que infelizmente foi modificado no texto definitivo (cf. Puebla 932). O texto original dizia: Jesus "rezou de modo totalmente novo, partindo da realidade da vida e falando ao Pai com filial confiança e intimidade incomparável. O cristão, movido pelo Espírito Santo, motiva a sua oração na vida diária e no seu trabalho". (15) Cf. Calisto VENDRAME: "Identidade e missão da VR na Igreja de hoje". CELAM: **Evangelización, jerarquía y carisma**. I Encuentro Latinoamericano de Obispos y Religiosos. Bogotá: CELAM, 1987, 63-79; aqui: 72-73. (16) Cf. Leonardo BOFF: "Contemplativus in liberatione: da espiritualidade da libertação à prática da libertação". **REB** 39 (1979) 571-580. (17) Cf. Jon SOBRINO: **Jesús en América Latina**: su significado para la fe y la cristología. Santander: Sal Terrae, 1982, 209-221. Veja também Francisco TABORDA: **ob. cit.** na nota 3, cap. III 4a. (18) Cf. Jon SOBRINO: **ob. cit.** na nota 4, 21-22. (19) **L'Osservatore Romano** (ed. port.), ano XVI, n. 793, de 3/2/85, p. 10-11; citação: p. 11. (20) Cf. SCRIS: **Religiosos y promoción humana. La dimensión contemplativa de la VR**. Bogotá: CLAR, 1981, 2. ed., 32. (21) Cf. Alberto ANTONIAZZI: "Encarnação e salvação. Status quaestionis. CNBB/CIMI: **Inculturação e libertação**. São Paulo: Paulinas, 1986, 130-143; aqui: 140-142. Veja a explicitação em Francisco TABORDA: **ob. cit.** na nota 3, cap. III 4b, p. 122ss. (22) Sobre in-

serção há uma vastíssima bibliografia. A título de exemplo: Carlos PALACIO: **Vida religiosa inserida nos meios populares**. Rio: CRB, 1980. Maria José Rosado NUNES: **Vida Religiosa nos meios populares**. Petrópolis: Vozes, 1985. Walfrido MOHN (org.): **Religião popular e Vida Religiosa inserida: II Encontro das pequenas comunidades do Nordeste II**. Petrópolis: Vozes, 1986. Benjamín GONZÁLEZ BUELTA: **O Deus oprimido**: em busca de uma espiritualidade da inserção (tr. br.). Rio de Janeiro: CRB, 1989. (23) Cf. Francisco TABORDA: **ob. cit.** na nota 8, 17-30. Veja-se também o seminário sobre a dinâmica da cultura brasileira, promovido pelo INP (Instituto Nacional de Pastoral), cujas palestras serão publicadas proximamente. (24) Na obra citada na nota 8, seguindo Marcello de Carvalho AZEVEDO: **Comunidades Eclesiais de Base e inculturação da fé**: a realidade das CEBs e sua tematização teórica, na perspectiva de uma evangelização inculturada (São Paulo: Loyola, 1986) e a antropologia cultural norte-americana, eu distinguia entre inculturação e aculturação, talvez sem considerar suficientemente a diferença entre o processo de aculturação na cultura dominante e na cultura dominada (embora mencionasse a diferença: p. 29s, e já tivesse abordado a problemática desde outro ponto de vista em Francisco TABORDA: **Cristianismo e ideologia**: ensaios teológicos. São Paulo: Loyola, 1984, 174-190). Quando alguém proveniente da cultura dominada se acultura na dominante, a aculturação é também processo de dominação desta sobre aquela, dá-se, pois, em detrimento da cultura dominada. Nesse sentido, promover a aculturação faz o jogo da cultura dominante; é, pois, ideológico no pior sentido do termo. Assim entende a FUNAI e o atual governo brasileiro, quando propugna a aculturação dos povos indígenas. Com a antropologia brasileira reconheço agora que é preferível deixar ao conceito de aculturação a conotação pejorativa de processo em que a cultura dominante domestica a cultura dominada. Inculturação passa a ser en-

(Continua na 3ª capa, ao lado)



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
1 de novembro de 1989

“Um dia, Jesus estava rezando em certo lugar. Quando terminou, um de seus discípulos pediu-lhe: Senhor, ensina-nos a rezar... Jesus respondeu: Quando rezarem, digam: Pai, santificado seja o teu nome. Venha o teu Reino” (Lc 11, 1-2). O primeiro impulso de quem reza é para o Reino de Deus e para o Deus do Reino, origem e fator de atração final de todo ser existente. (Ver minha carta de outubro de 1989, neste mesmo local.) E Jesus continuou: “O **pão** nosso cotidiano dá-nos cada dia. **Perdoa-nos** os nossos pecados, pois também nós perdoamos aos nossos devedores. E não nos deixes cair em **tentação**”, Lc 11, 3-4.

O mais alto vôo do **ESPÍRITO** humano depende de um pouco de **PÃO** para o **CORPO**, suporte do espírito e revelação de sua presença. Oh! dignidade insubstituível do **Pão**, isto é, de tudo aquilo sem o que o homem não vive, ou vivendo a vida pelo avesso, morre. Saúde, trabalho, salário, família, casa, amizade, educação... miudezas do cotidiano, **conjunto grande de coisas pequenas que produzem a paz**. Este sonho do pão de cada dia para cada um está longe de realizar-se. Mas é taxativa exigência de um Pai que manda dar e redar o supérfluo, repartir o útil e partilhar o necessário (Lc 12, 33).

Sem o **PERDÃO** é inútil a oração. Ou se perdoa e, então, se ora cristãmente. Ou não se perdoa e se prolonga artificialmente a encenação. O discernimento e a superação desta ambigüidade e ambivalência se impõem. “Deixa a tua oferenda ali e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão” (Mt 5, 23-24). **PERDOAR**, isto é, transcender motivações egoístas, é complexo e de difícil manejo. É o traço mais difícil do amor. Mas sem o amor entre nós não é agradável a Deus nosso amor por ele. O **perdão** é o pressuposto mais insuspeito e o espaço preferencial de ressonância da autenticidade da oração cristã. **PERDOAR** é ser fraterno para além de simpatias e antipatias como Deus é paterno sem discriminações, preconceitos ou exclusões (Mt 7, 11). **Sem perdão, esforço caricato a fé para fingir o que não se é.**

Somos lábeis. Fracos. E o demônio — forte e firme — não desiste. **Caminhamos rumo à luz arrastando nossa cruz**. Sucumbimos. Atraímos a Deus. Pecamos. O lado sombrio da realidade humana. Corremos até o risco supremo: a perdição, uma tragédia com todas as letras. Livre-nos, ó Pai, do maligno tentador e da **TENTAÇÃO** de toda idolatria: ter, poder, lazer, prazer, saber, ambição, prestígio, cobiça... Tudo, soluções de fuga, inócuas e iníquas. Egoíatria da modernidade baseada na dominação e no poderio. Livre-nos, ó Pai, também, da **tentação** que se revela como desvanecimento da esperança e apostasia da fé porque nos parecem absurdas as propostas do Reino.

Pão... Perdão... Tentação! Eis a segunda parte do imperativo basilar de toda oração cristã conforme o ensinamento de Jesus. **Pão, Perdão, Tentação:** questões que envolvem o homem do berço ao túmulo. Quando se reza, fidelidade, pois, a esta dimensão antropológica. Compromisso social, partilha, ajuda mútua, apoio. Testemunhar a caridade. Transformar noites em auroras. Valores estreitamente enlaçados em toda experiência de oração. Jesus rejeita os que dizem simplesmente Senhor, Senhor (Mt 7, 21). Quando se reza, fidelidade, pois, a Deus e a si mesmo face ao mistério deste **Deus que nos polariza, imanta, galvaniza e encanta.**

Afastar-se deste rumo é trair o ensinamento do Mestre e violentar um irresistível tropismo humano. Os interesses de Deus e os interesses do homem não coincidem, mas são complementares e mais bem entendidos em visão unitária. Existe entre eles íntima e necessária conexão. Deus que cria e conserva todas as coisas, pelo Verbo, oferece aos homens nas coisas criadas um perene testemunho de si mesmo. **No sinal já está a presença do real.** O céu e a terra têm vocação convergente desde a Encarnação, quando Jesus fez de nossa história e nossa humanidade, sacramento e epifania de seu Pai, pai nosso, também. Este é o processo: escutar Deus, a transcendência, auscultando a realidade imanente em sua transparência, pois **quem busca o Absoluto ou sua experiência em estado puro, seguirá ídolos.**

Desejando-lhe toda PAZ, serenidade e coragem nos conflitos, e todo BEM, sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, subscrevo-me,

atenciosamente,

PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável

Convergência e Publicações CRB